

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL

SILVÂNIA CLAUDIA RODRIGUES SILVA

A INTERFERÊNCIA DA IMATURIDADE COGNITIVA E AFETIVA NA
APRENDIZAGEM DE UM SUJEITO

ANÁPOLIS GO

2019

SILVANIA CLAUDIA RODRIGUES SILVA

A INTERFERÊNCIA DA IMATURIDADE COGNITIVA E AFETIVA NA
APRENDIZAGEM DE UM SUJEITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, sob a orientação da Professora especialista Vânia Santos do Carmo

ANÁPOLIS GO

2019

SILVÂNIA CLAUDIA RODRIGUES SILVA

A INTERFERÊNCIA DA IMATURIDADE COGNITIVA E AFETIVA NA
APRENDIZAGEM DE UM SUJEITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, sob a orientação da Professora Especialista Vânia Santos do Carmo.

Data de aprovação ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Vânia Santos do Carmo
ORIENTADORA

Prof^a. Ms. Evelyn A. Silveira
CONVIDADA

Prof^a. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
CONVIDADA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino.

À minha família: meu esposo e filhos, presentes que Deus me concedeu

E principalmente dedico a todos os pais que lutam dia após dia para que seus filhos com dificuldades de aprendizagem ou deficiência, sejam tratados com equidade de oportunidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tudo que me concede a cada dia!

Agradeço a minha querida e linda família por acompanhar e colaborar com meus projetos e compreender os momentos de ausência!

Agradeço aos professores e colegas com os quais tive o prazer de conviver e compartilhar experiências!

Agradeço principalmente aos alunos que permitem a troca de vivências e aprendizado no decorrer da caminhada!

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo apresentar um estudo sobre a interferência da Imaturidade Cognitiva e Afetiva na aprendizagem de um sujeito. Para tal apresenta o estudo de caso de um adolescente, com 14 anos de idade, cursando o 6º ano do Ensino Fundamental II, com a queixa de déficit de atenção, lentidão, dificuldade em Matemática, insegurança e ansiedade. A metodologia utilizada foi qualitativa a partir de um estudo de caso. A partir da análise dos resultados da Avaliação Diagnóstica realizada com o aluno pode-se constatar que parte da queixa relatada pela escola encontra fundamento no obstáculo epistêmico de caráter cognitivo relacionado a imaturidade de caráter afetivo, em nível secundário. A imaturidade Cognitiva detectada sua estrutura de pensamento, que é a principal dificuldade e, pelo obstáculo epistemofílico impede a compreensão de conteúdos mais abstratos e o alcance de uma aprendizagem significativa. Conclui-se neste estudo, a necessidade de utilização de recursos e técnicas apropriadas ao nível de compreensão do adolescente, por parte da escola; acompanhamento da vida escolar do filho, por parte da família e acompanhamento psicopedagógico para tratar as questões cognitivas e afetivas do adolescente.

Palavras-chave: Imaturidade Cognitiva. Afetividade. Dificuldade de aprendizagem. Obstáculo Epistêmico.

ABSTRACT

This current article has the goal of presenting a study on the interference of Cognitive Immaturity and affectivity in a person's teaching-learning process. For such, it presents the study of a fourteen-year-old adolescent's case, who is in the sixth grade of Elementary School II, which has a complaint of attention deficit, slowness, difficulty in math, insecurity and anxiety. The used methodology was qualitative through a study of a case. By analyzing the results of the Diagnostic Evaluation with the student, it is possible to notice that part of the complaint mentioned by the school is based on the cognitive epistemic obstacle character related to the immaturity of his thinking structure, which is the main difficulty and also by the affective epistemophilic obstacle at secondary level. The diagnosed Cognitive Immaturity prevents understanding more abstract contents and reaching a meaningful learning. This study concludes that the school needs to use resources and techniques at the adolescent's level of understanding; and the family must monitor the child's school life and provide psychopedagogical monitoring to treat the adolescent's cognitive and affective issues.

KEY WORDS: Cognitive Immaturity. Affectivity. Learning Disability. Obstacle Epistemic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. APRENDIZAGEM NA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA	10
2.1 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESCOLAR	11
2.2 BREVE TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA PSICOPEDAGOGIA	11
2.3 CONCEITO E OBJETO DE ESTUDO DA PSICOPEDAGOGIA	12
2.4 A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO	14
2.5 O DIAGNOSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLINICO	14
2.6 O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA, NA VISÃO DA EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE	16
2.7 A COMPREENSÃO GLOBAL DO SUJEITO NA DIMENSÃO AFETIVA E COGNITIVA	18
2.8 A RELAÇÃO ENTRE TERAPEUTA E PACIENTE NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA	19
3 METODOLOGIA	21
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	24
4.1 OBSERVAÇÃO DE CAMPO	24
4.2 ENTREVISTA	24
4.2.1 Entrevista com a Representante dos Professores	25
4.2.2 Entrevista com o Adolescente	25
4.2.3 Entrevista com os Pais	26
4.3 ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM (EOCA)	26
4.4 PROVAS PROJETIVAS	28
4.4.1 Par Educativo	28
4.4.2 Eu e Meus Companheiros	28
4.4.3 Família Educativa	29
4.4.4 Os Quatro Momentos do Dia	29
4.5 PROVAS PEDAGÓGICAS	30
4.5.1 Alfabeto, Ordem Alfabética e Ditado	30
4.5.2 Análise do Material Escolar	31
4.5.3 Leitura e Interpretação	31
4.5.4 Teste de Lecto Escrita, Cópia,	31
4.5.5 Raciocínio Lógico Matemático	32
4.5.6 Produção de Texto Expressão Escrita	32

4.6 JOGOS	32
4.6.1 Jogo Pega Varetas	33
4.6.2 Jogo da Velha	33
4.6.3 Jogo Cilada Quebra Cabeça	33
4.7 PROVAS OPERATÓRIAS	34
4.7.1 Prova de Intersecção de Classes	34
4.7.2 Conservação de Massa	35
4.7.3 Dicotomia ou Mudança de Critério	35
4.7.4 Conservação da Quantidade de Líquido	36
4.7.5 Conservação de Pequenos Conjuntos Discretos de Elementos	37
4.7.6 Inclusão de Classes	37
4.7.7 Conservação de Volume	38
4.7.8 Seriação de Palitos	39
4.7.9 Combinação de Fichas	39
4.7.10 Predição	40
4.8 ANAMNSE	41
5 INFORME PSICOPEDAGÓGICO	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia é uma área de estudo que trabalha com a aprendizagem humana e as dificuldades decorrentes desse processo, cujo objetivo visa a avaliação e diagnóstico de crianças, jovens e adultos com dificuldade na aprendizagem, assumindo um caráter preventivo e curativo. Tem atuação na área educacional e clínica. No modelo institucional o psicopedagogo atua na instituição escolar, já a Psicopedagogia Clínica oferece atendimento a alunos e demais pessoas em um consultório, de maneira individual, o que possibilita a criação de vínculo entre o terapeuta e o paciente.

O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo de caso sobre a interferência da Imaturidade Cognitiva e afetividade no processo de ensino aprendizagem de um sujeito. Para tal apresenta o estudo de caso de um adolescente, com 14 anos de idade, cursando o 6º ano do Ensino Fundamental II, com a queixa de déficit de atenção, lentidão, dificuldade em Matemática, insegurança e ansiedade.

A metodologia utilizada foi qualitativa a partir de um estudo de caso. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados observação de campo, entrevistas, provas operatórias, provas projetivas, provas pedagógicas e entrevista de anamnese.

O processo da Avaliação diagnóstica encontra embasamento na visão da Epistemologia Convergente, proposta por Jorge Visca. Diversos autores foram utilizados na fundamentação teórica como: Nádia Bossa, Sara Paín, Simaia Sampaio, Alícia Fernandez, Jorge Visca, Maria Lúcia Lemme Weiss e outros.

Este trabalho apresentou no seu referencial teórico: Aprendizagem na visão psicopedagógica; As dificuldades de aprendizagem escolar; Breve trajetória histórica da psicopedagogia, Conceito e objeto de estudo da Psicopedagogia; A atuação do Psicopedagogo; O diagnóstico psicopedagógico clínico; O processo de avaliação diagnóstica na visão da Epistemologia Convergente, a compreensão global do sujeito na dimensão afetiva e cognitiva; A relação entre terapeuta e paciente no processo de avaliação psicopedagógica. Nos capítulos posteriores, encontra-se a Metodologia, Apresentação; Análise e discussão dos dados, Considerações finais, Referências e Anexos.

2 APRENDIZAGEM NA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA

Segundo Fernández (1991, p. 47), “o processo de aprender inicia-se desde o nascimento e tem na família os primeiros vínculos, onde a criança se espelhando nos adultos aprende e cresce, para viver em sociedade”. Para a autora, a aprendizagem é um processo de vínculos e ludicidade, tendo sua raiz nas experiências corporais. Afirma ainda que, no ser humano, “a aprendizagem funciona como equivalente funcional do instinto”. Fernández assegura, ainda, que por meio da observação de como o sujeito aprende, se envolve e/ou fracassa, teremos condições de compreender por que não aprende. Tal afirmação explica o porquê de ser a aprendizagem e não a dificuldade o objeto de estudo da psicopedagogia, pois esta se interessa e atua sobre o processo, cujo ator principal é o sujeito.

De acordo com Paín (1985) tendo em vista o caráter complexo na função educacional a aprendizagem acontece ao mesmo tempo como ameaça alienante e possibilidade libertadora. Dessa forma aquele que não aprende não satisfaz nenhuma das funções sociais da educação, curvando-se ao fracasso da mesma. Sendo assim, a psicopedagogia, apresentada pela autora, como meio de condução do processo psicológico de aprendizagem, trabalha para o alcance dos fins educativos, permitindo ao sujeito com dificuldade de aprendizagem, a oportunidade de aprender, numa perspectiva de integração e transformação da realidade.

Fernandez (2001) enfatiza que ao contrário de respirar ou de outra função orgânica que vem organizada de maneira intuitiva, andar de bicicleta, bem como caminhar, escrever e tantos outros conhecimentos exigem uma aprendizagem. E justamente por isso que os métodos de aprendizagem são edificadores de autoria. O mais importante do aprender é que paralelo a esse ato se constrói o próprio ser.

Para Piaget (1998) a aprendizagem resulta de “equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menos equilíbrio para um estado de equilíbrio superior”. Percebe-se na proposição que a aprendizagem tem início a partir do equilíbrio e a sequência da evolução da mente, tornando-se dessa forma um processo resultante das experiências que o sujeito concentra durante sua vida e da interação na sociedade.

Aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes (Antunes 2008, p. 32).

2.1 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

De acordo com Sanchez (2004), segundo o conceito internacional, as dificuldades de aprendizagem configuram um desempenho consideravelmente abaixo do esperado, levando em consideração a idade cronológica do sujeito e seu nível intelectual, prejudicando de forma apreciável o rendimento acadêmico ou a vida diária.

Já na concepção de Fernández (1990), as dificuldades de aprendizagem são “fraturas” no processo de aprendizagem, alcançando principalmente quatro aspectos: o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo. Os problemas de aprendizagem são resultado da extinção das competências de aprender e impedimento das expectativas de assimilação do aluno. E podem estar ligados à aspectos individuais e relacionados à estrutura familiar na qual pertence o sujeito.

De acordo com Weiss (1997): o problema da dificuldade do aluno em aprender pode estar relacionado a fatores internos e externos:

Essa insuficiência na aprendizagem escolar pode estar ligada à ausência de estrutura cognoscitiva, que permite a organização dos estímulos e favorece a aquisição dos conhecimentos. Todavia, a dificuldade em aprender pode estar relacionada a determinantes sociais, da escola e do Olhar de professor, próprio aluno, ou seja, ligada a fatores internos (cognitivos e emocionais) e a fatores externos (culturais, sociais e políticos) (Weiss. 1997, p. 16)

Ainda de acordo com Boruchovith (2012), no Brasil, as dificuldades de aprendizagem principais são voltadas ao complexo acontecimento do fracasso escolar, marcado por um alto índice de reprovação e evasão escolar. Inúmeras pesquisas de teóricos, professores e psicólogos apontam como maiores responsáveis as características físicas, cognitivas, emocionais e comportamentais dos alunos e suas famílias. O autor completa que pesquisadores do assunto acreditam que as dificuldades de aprendizagem são oriundas de fatores intra e extra escolares.

Os fatores intra escolares são provenientes sobretudo da inadequação das práticas escolares, a trâmites pedagógicos burocráticos e a discrepância dos cursos de formação de professores. Os fatores externos estariam ligados as condições socioeconômicas dos alunos. (LEITE 1988, apud BORUCHOVITH, 2012)

2.2 BREVE TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA PSICOPEDAGOGIA

O surgimento da Psicopedagogia ocorreu na Europa do século X X. No entanto, o ano preciso ainda não é um dado consensual na literatura. Segundo

Andrade (2004), o fato teria se dado na década de 1920, época em que se inaugurou o primeiro Centro de Psicopedagogia do mundo. Relacionado ao pensamento psicanalítico de Lacan, que, segundo o autor, respaldou o que futuramente foi nomeado de Psicopedagogia Clínica. Os centros tinham por objetivo tratar comportamentos inadequados de crianças, com a finalidade de adapta-las a melhor convivência em casa e na escola, lançando mão de conhecimentos das áreas de Psicologia, Psicanálise e pedagogia.

Segundo Fontes (2006), na América do Sul, foi na Argentina, o principal local em que a Psicopedagogia se destacou, trazendo ideias fundamentadas de maneira especial na bibliografia francesa.

Conforme Bossa (2000), o conhecimento argentino relacionado a Psicopedagogia sofreu grande influência autores franceses, como Jacques Lacan, MaudMannoni, Françoise Dolto, Julián de Ajuriaguerra, Janine Mery, Michel Lobrot, Pierre Vayer, Maurice Debesse, René Diatkine, George Mauco, Enrique Pichón-Rivière e outros.

Ainda de acordo com Andrade (2004) provém da Argentina a maior motivação para a Psicopedagogia brasileira. Sampaio (2018) destaca Jorge Visca (1935-2000) como presença importante e determinante na história da Psicopedagogia no Brasil, sendo um dos precursores no tratamento de problemas de aprendizagens em uma clínica comunitária. Atribui-se também a ele a criação do centro de estudos psicopedagógicos de Curitiba.

Desta forma, (BOSSA, 2011, p. 34), mostra-nos um delineamento sobre o caminho percorrido pela Psicopedagogia no Brasil, a autora:

Procura traçar o percurso da Psicopedagogia no Brasil, em dois momentos históricos. O primeiro referente ao período em que as crianças com “distúrbios de aprendizagem” eram encaminhadas ao pediatra e depois ao neurologista, elas recebiam um diagnóstico e eram encaminhadas para um trabalho de reeducação utilizando exercícios de repetição ou de treino referente à dificuldade de aprendizagem. No segundo momento, denominado psicologização dos problemas de aprendizagem, os sujeitos eram encaminhados ao psicólogo, e submetidos a vários testes. Frente a estas situações, como não se chegava a uma explicação precisa sobre as dificuldades de aprendizagem, desencadeou a necessidade de formação de um profissional apto para atuar de forma objetiva e eficaz, na resolução dos problemas escolares e também na prevenção dos mesmos, além de facilitar o vínculo do aluno com o processo de aprendizagem e o resgate do prazer de aprender. (BOSSA, 2011, p. 34)

2.3 CONCEITO E OBJETO DE ESTUDO DA PSICOPEDAGOGIA

Segundo Silva (1998), a psicopedagogia ainda não possui uma definição conclusiva. As produções sobre o tema envolvem relatos de experiências, estudos de caso, trabalhos descritivos, nos quais a teoria é utilizada como referência e não como fundamento. Para a autora, entende-se que o conceito inicial de psicopedagogia seria:

Um campo do conhecimento que, como o próprio nome sugere, implica uma integração entre a psicologia e a pedagogia tendo como objeto de estudo o processo de aprendizagem visto como estrutural, construtivo e interacional, integrando nele os aspectos cognitivos, afetivos e sociais do ser humano. A psicopedagogia tem, então, como objetivo, facilitar esse processo de aprendizagem removendo os obstáculos que impedem que ele se faça. (SILVA, p. 27, 1998)

A Psicopedagogia é a área de conhecimento, atuação e pesquisa que lida com o processo de aprendizagem humana, visando o apoio aos indivíduos e aos grupos envolvidos neste processo, na perspectiva da diversidade e da inclusão. A Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), como órgão representativo dos psicopedagogos, entende que o curso de Psicopedagogia deve formar profissionais para garantir a aprendizagem como direito de todos.

De acordo com Bossa (2000) a Psicopedagogia tem como propósito o estudo da aprendizagem humana. Investigar como acontece o processo de aprender, suas transformações e implicações, como acontecem as mudanças na aprendizagem, como evitá-las ou tratá-las.

Para Visca:

A psicopedagogia nasceu com uma ocupação empírica pela necessidade de atender as crianças com dificuldades na aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela medicina e psicologia. Com o decorrer do tempo, o que inicialmente foi uma ação subsidiária destas disciplinas, perfilou-se como um conhecimento independente e complementar, possuidor de um objeto de estudo (o processo de aprendizagem) e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios. (VISCA, p. 33, 1987)

De acordo com Neves (1991, p. 12) “a Psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, considerando as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto”.

Segundo Scoz (1994, p. 2) “a Psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, englobando, integrando e sintetizando vários campos do conhecimento”.

Para Golbert (1985, p. 13):

O objeto de estudo da Psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O enfoque preventivo considera o objeto de estudo da Psicopedagogia o ser humano em desenvolvimento, enquanto

educável. Seu objeto é a pessoa a ser educada, seus processos de desenvolvimento e as alterações de tais processos. O enfoque terapêutico considera o objeto de estudo da Psicopedagogia a identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem. (Golbert, 1985, p. 13):

2.4 A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO

Segundo Grassi (2009), encontra-se no Código de Ética da ABPp:

Art. 1º A Psicopedagogia é um campo de atuação em educação e saúde que lida com o processo de aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio, família, escola e sociedade no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia.

Parágrafo único

A Intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do conhecimento relacionado com o processo de aprendizagem.

Art. 2º A psicopedagogia é de natureza interdisciplinar. Utiliza recursos das várias áreas do conhecimento humano para a compreensão do ato de aprender, no sentido ontogênico e filogenético, valendo-se de métodos e técnicas próprias.

Art. 3º O trabalho psicopedagógico é de natureza clínica e institucional, de caráter preventivo e/ou remediativo.

De acordo com Grassi (2009), salienta-se que os profissionais que atuam diretamente com as pessoas, independente da área, precisam adotar postura ética e moral, percebendo para além das aparências, agindo com amor e verdade diante do que fazem, sempre em busca de conhecimento que edifique.

A atuação do psicopedagogo se constrói diante de alunos que não conseguiam aprender ou apresentavam dificuldades de aprendizagem chegando ao fracasso. Sendo assim, tem a oportunidade de desenvolver sua atividade em diferentes ambientes, como hospitais, escolas, clínica, empresas dentre outros.

O psicopedagogo tem o papel principal retirar os sujeitos de suas condições de não aprendizado, dotando-os de sentimentos de autoestima e, principalmente, fazendo-os perceber suas potencialidades para recuperarem seus processos internos de apreensão da realidade, tanto nos aspectos cognitivos como nos afetivo-emocionais. (NOGUEIRA, 2011, p.17)

2.5 O DIAGNOSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLINICO

Segundo Nogueira (2013) a avaliação Psicopedagógica Clínica é um método profundo de investigação sobre a aprendizagem de um sujeito ou grupo. Processo esse que envolve não só o psicopedagogo e o indivíduo, mas diversos sujeitos e instituições que de maneira formal ou informal estão envolvidos nas situações de aprendizagem. Todas as relações estabelecidas pelo sujeito, devem ser investigadas, desde o começo da sua evolução até o estágio em que se encontra. Conforme Bossa (2000, p. 85)

O trabalho psicopedagógico (...) implica compreender a situação de aprendizagem do sujeito, individualmente, ou em grupo, dentro do seu próprio contexto. Tal compreensão requer uma modalidade particular de atuação para a situação em estudo, o que significa que não há procedimentos predeterminados. Defino essa característica como configuração clínica da prática psicopedagógica. A metodologia do trabalho, ou seja, a abordagem e o tratamento, enfim, a forma de atuação, se vai tecendo em cada caso, na medida em que a problemática aparece. Cada situação é única e requer do profissional atitudes específicas em relação àquela situação. (BOSSA, 2000, p. 85)

Weiss (2012) ressalta que todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma averiguação, uma pesquisa daquilo que o sujeito não está conseguindo alcançar em relação ao esperado. Tratando-se assim da averiguação de uma reclamação da própria pessoa, família ou da escola. Na referida situação, trata do não aprender, das dificuldades de aprendizagem, da ocultação do que aprendeu, do fugir de acontecimentos de provável aprendizagem. “Nessa investigação não se pretende classificar o paciente em determinadas categorias nosológicas, mas sim obter uma compreensão global da sua forma de aprender e dos desvios que estão ocorrendo nesse processo”.(WEISS, p. 31, 2012)

“O sucesso de um diagnóstico não reside no grande número de instrumentos utilizados, mas na competência e sensibilidade do terapeuta em explorar a multiplicidade de aspectos revelados em cada situação”. (WEISS, 2000, p.30)

A maioria dos casos que recebo para avaliação psicopedagógica é de estudantes com quadro de fracasso escolar, apresentando os mais diversos sintomas. É importante que de algum modo se possa fazer um diagnóstico da escola para definição dos parâmetros do desvio. Não se pode apenas diagnosticar o sujeito isolado no tempo e no espaço da realidade socioeconômica que se vive no Brasil de hoje.

Fernandez (1991) ressalta que o diagnóstico tem para o psicopedagogo a mesma importância que a rede para o equilibrista. O diagnóstico age como um suporte para a devida ação.

Segundo DONADUZZI (2016) o diagnóstico psicopedagógico apresenta-se como um processo constante, onde é verificada a situação do aprendiz inserido no cenário escolar, familiar e social. Toda análise precisa apresentar referencial teórico e atividades e instrumentos específicos e terapêuticos. Utilizando o olhar e a escuta psicopedagógica, numa perspectiva clínica, o profissional utilizará meios para abranger o aprendiz, a família e a escola e obter informações de como as situações aconteceram.

2.6 O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA, NA VISÃO DA EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE

De acordo com DONADUZZI (2016) o exemplo de avaliação diagnóstica apresentado pela Epistemologia Convergente, foi inicialmente, pensado e divulgado no Brasil por Jorge Visca, autor da proposta. Atualmente, é um dos modelos mais utilizados pelos psicopedagogos brasileiros, pois apresenta um referencial teórico coerente. Visca fundamentou-se nas teorias psicanalítica, piagetiana e da psicologia social.

Na linha da Epistemologia Convergente, Visca nos informa que o diagnóstico começa com a consulta inicial (dos pais ou do próprio paciente) e encerra com a devolução (1987, p. 69)

Segundo SAMPAIO (2018), primeiramente deve acontecer uma entrevista com os pais ou responsáveis objetivando obter dados pessoais e familiares, motivo da consulta, esclarecimento a respeito do trabalho psicopedagógico, data e horário para início das sessões e valores a serem cobrados.

Como o estudo de caso em questão está baseado na Epistemologia Convergente trataremos da anamnese ao final e começaremos falando sobre a EOCA.

A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem, segundo Visca (1987), é aplicada como um mecanismo que traz a possibilidade de investigação da problemática da aprendizagem, colaborando com a percepção do profissional a cerca do que mais carece de averiguação. O profissional monta então, o 1º sistema de hipóteses, estabelece as linhas de investigação e define os instrumentos que irá utilizar para comprovar ou não as hipóteses levantadas. (DONADUZZI, 2016)

“A realização da EOCA tem a intenção de investigar o modelo de aprendizagem do sujeito sendo sua prática baseada na psicologia social de PichónRivière, nos postulados da psicanálise e método clínico da Escola de Genebra” (BOSSA, 2000, p. 44). Para Visca,

a EOCA deverá ser um instrumento simples, porém rico em seus resultados. Consiste em solicitar ao sujeito que mostre ao entrevistador o que ele sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que aprendeu a fazer, utilizando-se de materiais dispostos sobre a mesa, após a seguinte observação do entrevistador: "este material é para que você o use se precisar para mostrar-me o que te falei que queria saber de você" (VISCA, 1987, p. 72).

De acordo com Visca, o que nos interessa observar na EOCA são "...seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesa, ansiedades, áreas de expressão da conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical etc (1987, p. 73).

O segundo passo proposto por VISCA (1987) é a aplicação dos testes, definidos na E.O.C.A. Segundo o autor não existe um conjunto de testes pré-estabelecidos e determinados, devendo estes ser escolhidos conforme a análise de cada caso. O psicopedagogo provavelmente utilizara várias sessões para concluir esta fase. Formula-se assim, o 2º sistema de hipóteses do que foi percebido na aplicação das provas e determinam-se novas linhas de investigação sobre o caso.

De acordo com VISCA (1987) As provas e testes a serem aplicadas devem ser as operatórias e projetivas. Visca reuniu em seu livro: El diagnostico operatório em lapracticapsicopedagogica, as provas operatórias utilizadas no método clínico da Escola de Genebra por Piaget, no qual apresenta detalhadamente os passos em que usou com grupos de estudo e cursos para o ensino do diagnóstico psicopedagógico, comentando o porquê de cada passo.

De acordo com a Epistemologia Convergente, após a aplicação das provas operatórias e das técnicas projetivas o psicopedagogo levantará o 2º Sistema de hipóteses e organizará sua linha de pesquisa para a anamnese que, como já vimos, terá lugar no final do processo diagnóstico, de modo a não contaminar previamente a percepção do avaliador. (SAMPAIO 2018)

Segundo Weiss (2003), as provas operatórias visam de maneira especial precisar o grau de aquisição de alguns princípios fundamentais do desenvolvimento cognitivo, percebendo o nível de pensamento atingido pelo aprendente, ou seja, o nível de condição cognoscitiva com que atua.

Sobre as provas projetivas Weiss observa que:

O princípio básico é de que a maneira do sujeito perceber, interpretar e estruturar o material ou situação reflete os aspectos fundamentais do seu psiquismo. É possível, desse modo, buscar relações com a apreensão do

conhecimento como procurar, evitar, distorcer, omitir, esquecer algo que lhe é apresentado. Podem-se detectar, assim, obstáculos afetivos existentes nesse processo de aprendizagem de nível geral e especificamente escolar (2003, p. 117)

De acordo VISCA (1987) o terceiro passo é a realização da Anamnese, que de acordo com o autor deve se tratar de uma entrevista não com perguntas fechadas, mas um modelo que deixe os pais ou responsáveis a vontade para abordar acontecimentos do passado e do presente. Nessa proposta a anamnese deve acontecer ao final das sessões com o aprendente para evitar interferências no decorrer da avaliação diagnóstica.

2.7 A COMPREENSÃO GLOBAL DO SUJEITO NA DIMENSÃO AFETIVA E COGNITIVA

Segundo Piaget toda atuação, tenha ela princípio na área afetiva ou cognitiva, sempre é passível de adaptação, e nesse sentido busca sempre a melhoria da estabilidade entre o organismo e o meio. Dessa forma o retorno ao estado de equilíbrio traz para o indivíduo sentimento de prazer e alívio, do que a princípio o havia lhe tirado o controle. (PIAGET, apud MARTINELLI, 2012)

Desse modo, a afetividade para Piaget, seria a força da qual depende o desempenho da inteligência, podendo colaborar, acelerar ou retardar o desenvolvimento intelectual, no entanto não é capaz de sozinha gerar novas estruturas nem tampouco modificar as já existentes. (PIAGET, apud MARTINELLI, 2012)

É o que afirma Wallon (1978: 149-150):

As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque origem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, às reações íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico.

Segundo Arantes (2014), Vygotsky aborda sobre a união entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. Afirma ele que:

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantém uma certa

relação com nossos pensamentos." (VYGOTSKY, p. 6, 1996 apud ARANTES 2014)

Para Visca (1987), as dificuldades de aprendizagem são indícios que decorrem de obstáculos que aparecem concomitantes na mesma oportunidade em que está acontecendo a aprendizagem, sendo proveniente de toda a história vivida pelo aprendente, nas suas dimensões afetivas, cognitivas, sociais, orgânicas e funcionais.

De acordo com Fernandez (2001), o tema da afetividade e da participação da subjetividade na aprendizagem, esquecido durante muito tempo, tem conquistado espaço como fator de interferência nos processos de aprendizagem. A autora, considera isso como um avanço, pois acredita que não podemos explicar como e porque o sujeito aprende remetendo-nos somente às teorias cognitivas.

“Os aspectos de amor e sustentação, ainda que só sejam visíveis quando se colocam como obstáculo, são a condição necessária para que qualquer aprendizagem seja possível. Necessitamos também lhe dar um lugar na própria teoria”. (FERNANDEZ, 2001, p. 41)

Para Pereira (2010), o ato de aprender, pela sua obscuridade, exige um estudo que excede os limites da cognição, remete para o afetivo/emocional, imerge no social, se desenvolve através do cultural, nos surpreendendo frente a tamanha diversidade e à singularidade que possui cada sujeito.

2.8 A RELAÇÃO ENTRE TERAPEUTA E PACIENTE NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

De acordo com Weiss (2012), no primeiro encontro com o paciente deve-se partir de uma conversa informal, abordando assuntos de interesses do mesmo e não utilizando atividades de cunho pedagógico, que podem causar aumento da ansiedade no paciente, impedindo um bom desempenho. Segundo a autora também é necessário explicar de acordo com a capacidade de compreensão do paciente, como serão as sessões, o objetivo das mesmas e a importância de parceria entre eles durante todo processo. “Criada a relação de confiança, a criança pode com mais facilidade se engajar e, assim, colaborar nos momentos de testagem ou de avaliação de aspectos pedagógicos” (WEISS, p.58, 2012)

Ainda de acordo com Weiss (2012), se tratando de adolescentes, depois de uma conversa inicial, quando demonstram alguma barreira diante do diálogo, pode-se

utilizar alguns desafios que se formam de maneira semelhante de provas piagetianas para o pensamento formal. A autora sugere também jogos de estratégia abrangendo antecipações.

No diagnóstico do problema de aprendizagem, Paín (1985) considera significativo explorar o tipo de vínculo que o paciente pretende estabelecer com o terapeuta. Sendo assim, procura identificar como se deu o encaminhamento, a preocupação com valores e horários. A conversa através do telefone em que o paciente traz reclamações mostra a condição emocional e estabelece o vínculo.

Se, entretanto, o paciente espera de nós o tratamento integral do problema, nossa preocupação se centrará na criação das condições psicológicas ótimas para que o paciente assuma o tratamento, participe e coopere na solução do problema e fazemos questão de dizer “co-opere” ou opere junto com o psicólogo a partir do diagnóstico, que é onde começa o processo de reconhecimento de si mesmo. (PAÍN, 1985, p. 36)

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi qualitativa a partir de um estudo de caso, tendo seu embasamento teórico em diversos autores que permitiram o levantamento de dados, análise de resultados e possível hipótese diagnóstica do caso em questão. Este estudo partiu da Prática Supervisionada do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis.

O Estágio Supervisionado foi realizado no período de 10 de junho a 03 de setembro de 2019, em uma instituição de ensino da Rede pública de Anápolis. Os atendimentos ocorreram em uma sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado) em sessões semanais de 50 minutos cada.

O aluno indicado para se submeter à Avaliação Diagnóstica foi o adolescente G. R., de 14 anos, cursando o 6º ano do turno vespertino, em uma escola da Rede Estadual da cidade de Anápolis/GO. O adolescente foi encaminhado pela coordenadora pedagógica por apresentar dificuldade em acompanhar a turma, lentidão na realização das atividades, principalmente no aprendizado da matemática e questões relacionadas a compreensão, atenção, memorização, ansiedade e insegurança.

O atendimento ao adolescente foi realizado com autorização dos pais, no período de 10 de junho a 03 de setembro de 2019 sob a orientação da Profª Supervisora do Estágio.

Para realizar a Avaliação Psicopedagógica foi coletado um conjunto de dados composto pelas observações e aplicação de provas e testes, como: Observação de Campo, Entrevistas (Pais, professora e aprendente), Anamnese, EOCA (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem), Provas Projetivas, Provas Operatórias e Provas Pedagógicas. De acordo com as instruções de Visca na linha da Epistemologia Convergente, o diagnóstico deve-se iniciar pela EOCA, seguida dos instrumentos selecionados (provas projetivas e operatórias) e encerrar-se pela anamnese, evitando influenciar-se pelas informações fornecidas pela família. (1987, p. 70)

A observação de Campo nos permitiu perceber o comportamento e o envolvimento do estudante na entrada, na sala de aula, no recreio e na saída, completando com a análise do material, percebendo a organização e orientação do aluno frente aos conteúdos escolares.

De acordo com Alvarez (2008), na entrevista livre temos a oportunidade de indagar diversas questões, segundo a opinião do entrevistado, partindo da construção que possui do seu próprio problema, nos permitindo assim formular futuras intervenções. Foram realizadas entrevistas com os pais, professora e aprendente.

Segundo Weiss (2012), a Anamnese deve ser considerado como ponto fundamental para um bom diagnóstico, possibilitando a acomodação de informações significativas sobre a história de vida do aprendente e colher dados importantes que esclareçam fatos observados durante as sessões realizadas.

A EOCA, de acordo com Simaia (2018) tem como objetivo averiguar os vínculos que o sujeito apresenta com os objetos e conteúdos da aprendizagem escolar, permitindo a percepção do que a criança sabe e aprendeu a fazer. Para Visca (1987, p. 72) deverá ser um instrumento simples, porém rico em seus resultados.

As Provas Projetivas baseadas na teoria de Jorge Visca e Alicia Fernandez terão o objetivo de pesquisar os vínculos que o indivíduo estabelece em três grupos o escolar, o familiar e consigo mesmo (SAMPAIO, 2018, p. 99). As provas Projetivas utilizadas foram: Par Educativo, Família Educativa, Eu e meus companheiros, Os quatro momentos do dia.

De acordo com Sampaio (2018) as provas operatórias propostas por Jean Piaget visam constatar o nível da estrutura cognitiva utilizada pelo indivíduo diante das situações vivenciadas, podendo verificar o grau de pensamento alcançado por ele, percebendo se existe defasagem em relação a sua idade cronológica, ou seja, um obstáculo epistêmico. Foram utilizadas as provas de: Classificação: Intersecção de Classes, Dicotomia ou mudança de critério, Inclusão de Classes. Conservação: de Massa, da quantidade de líquido, de pequenos conjuntos discretos de elementos, de comprimento e de volume. Sieriação de Palitos; Provas de Pensamento formal: Combinação de fichas e Predição.

De acordo com Weiss (2012), grande parte das queixas escolares está relacionada a leitura, escrita e matemática em distintos graus e anos. Para se preparar uma avaliação, é fundamental perceber aspectos e problemas relacionados ao processo de alfabetização e possível interferência no desenvolvimento da leitura e escrita nas demais séries. As Provas pedagógicas utilizadas nessa avaliação diagnóstica foram: Escrita do alfabeto, ordem alfabética, ditado de palavras e frases; Leitura e interpretação; Teste de Lecto Escrita, cópia, Raciocínio lógico matemático; Produção de texto, Expressão escrita.

Também foram utilizados os jogos: Pega varetas, Jogo da Velha e Cilada. O jogo com regras oferece ao educando a socialização, a expressão do prazer, a forma natural de trabalho, além de ser uma preparação para a vida. (VIGOTSKI, 2003, p. 106).

De acordo com Pain (1985), a análise dos resultados das observações, provas e testes possibilitarão aos profissionais que trabalham com o adolescente, fazer os encaminhamentos necessários, determinar que tratamento é mais conveniente para sanar ou minimizar suas dificuldades para que consiga vencer os obstáculos e ajustar-se à vida escolar, no acesso à construção do conhecimento.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

G. R., nascido em 02/07/2005, com 14 anos de idade, é o terceiro filho de uma prole de quatro irmãos. Os quatro filhos, todos homens, moram com o pai A. A. R e a mãe P. A.O aprendiz G. R. tornou-se preocupação dos pais e da coordenadora pedagógica, desde sua alfabetização, por apresentar dificuldade de aprendizagem. Seus atuais professores relatam que o adolescente não está conseguindo acompanhar a turma, fato que traz preocupação, pois o estudante já está em defasagem idade/série, por reprovações na primeira fase do ensino fundamental. Ressaltam que o estudante apresenta lentidão, dificuldade em compreender conteúdos da série que, exigem maior raciocínio, insegurança e ansiedade diante de algumas atividades.

4.1 OBSERVAÇÃO DE CAMPO

Conforme Silva e Aragão (2012), o ato de observar é essencial para investigar e entender as relações dos sujeitos entre si e com o meio em que vivem.

Na observação de campo foi possível perceber que o aprendiz G.R chega à escola utilizando transporte escolar. Aguarda o sinal e dirige-se ao pátio, onde ocorre diariamente uma acolhida coletiva e oração. Após todos se dirigem às suas respectivas salas. Demonstra alegria por estar na escola, senta-se mais à frente e seu contato com os demais colegas ocorre de maneira normal. Fica sentado no seu lugar, só se levanta quando necessário. Participa no coletivo, quando a professora faz alguma pergunta. Lancha na sala de aula e no intervalo corre e brinca com os colegas, gosta muito de jogar bola e de brincadeiras em que se passam por outros personagens, às vezes infantis e fantasiosas na saída se dirige rapidamente para o ponto de ônibus.

Conclui-se assim boa participação nas atividades na escola, embora presente, insegurança e imaturidade em algumas situações.

4.2 ENTREVISTAS

Segundo Vinocur (2008) na entrevista encontra-se a chance de realizar diversas indagações, percebendo a ideia que os envolvidos têm da situação, nos permitindo pensar e elaborar as futuras intervenções.

Em algumas ocasiões partindo da “tríade pedagógica”, enfocamos a situação investigada a partir do referencial do professor, já que, após as observações feitas em sala de aula, constatamos que, modificando sua prática em alguns aspectos, pode ser possível obter resultados benéficos para um ou mais alunos. Realizamos assim, intervenções “indiretas”, provocando algumas mudanças nas práticas docentes, que possam repercutir nos processos de ensino-aprendizagem que se desenvolvem em classe. (VINOCUR p. 101, 2008)

4.2.1 Entrevista com a Representante dos Professores

Na entrevista com a professora (anexo H), a mesma citou que o aluno possui dificuldade de aprendizagem, relatou que em algumas situações se sente incomodado, manifestando tristeza, poucas palavras e até gagueira. Disse que coloca força ao escrever e é lento. Apresenta dificuldade com atividades de raciocínio, apresenta insegurança ao falar e embora seja comunicativo, não faz perguntas e não compreende a maioria dos conteúdos ministrados. Demonstra imaturidade em relação aos assuntos abordados pelos colegas. É um estudante esforçado, consegue concentrar nas aulas, é participativo, mas para resolver as atividades demora muito. Se perde quando a leitura é longa e na maioria das vezes não conclui as atividades propostas.

Evidenciam-se assim, as características de insegurança, imaturidade, dificuldade no raciocínio lógico e estruturação do pensamento.

4.2.2 Entrevista com o Adolescente

Na entrevista com o aprendente (Anexo J) , o mesmo respondeu com tranquilidade as perguntas, embora em alguns momentos demonstrou insegurança e demora nas respostas. Afirmou na entrevista que tem dificuldade em ler um enunciado e compreender o que fazer, por isso acha a Matemática muito difícil, porque não sabe identificar o cálculo que deve ser feito. Disse que o pai é quem o ajuda nas tarefas e que faz isso a noite. Disse que gosta de estudar, não gosta de ajudar nas tarefas domésticas e que acha fácil desenhar e que não recebe colegas em casa e que nos finais de semana fica em casa vendo televisão e as vezes vai à casa de parentes que

moram em cidades próximas. Não gosta de ler, mas gosta de ouvir histórias e futebol é seu esporte preferido.

Percebe-se através deste instrumento insegurança, imaturidade, dificuldade de compreensão, gosto pela escola e professores atuais, melhor relacionamento com o pai.

4.2.3 Entrevista Com os Pais

A entrevista inicial foi realizada com o pai (Anexo I) aconteceu assim que a coordenação pedagógica indicou o nome do aprendiz G. R. e solicitou a presença dele na unidade escolar. Nesse momento, o pai se mostrou receptivo a avaliação psicopedagógica relatando que percebe as dificuldades do filho, que já havia levado o estudante a um Neuropediatra, que havia levantado a hipótese de Déficit de Atenção, mas que por falta de condições financeiras e de tempo isso não foi feito. Foram estabelecidos os horários das sessões e esclarecimentos sobre a seriedade e sigilo dos atendimentos.

Conclui-se a partir da entrevista inicial a preocupação do pai em relação a aprendizagem do filho e do desejo de vê-lo em condições de alcançar melhores resultados.

4.3 ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM - EOCA

Na primeira sessão com o adolescente aplicou-se a EOCA (Anexo K). Ao dar a consigna “ Gostaria que me mostrasse o que sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que aprendeu a fazer. Para isto, poderá utilizar o material como quiser, ele está a sua disposição”.

O aprendiz começou a olhar o material e folhear os livros e revistas, demonstrando insegurança e não ter ideia do que fazer. Foi necessário repetir e esclarecer melhor a consigna, para que começasse a fazer algo. Ele perguntou onde estava o lápis de escrever, viu que estava sobre a mesa, percebeu que estava sem ponta e procurou pelo apontador. Apontou o lápis e começou a fazer um desenho. Perguntou se poderia usar as canetinhas, contornou e pintou as imagens. Logo, disse que o desenho estava pronto (Anexo L) e diante da solicitação, explicou o que havia feito (Anexo E). Foi sugerido que escrevesse algo sobre o desenho e ele o fez sem

nenhuma resistência. Leu o que escreveu e quando questionado sobre algumas questões, mostrou dificuldade em formular respostas. Foi solicitado que mostrasse algo que aprendeu com relação a Matemática, o aprendente ficou bastante confuso e inseguro, mas resolveu fazer um desenho e montar uma subtração. Quando questionado sobre o que havia feito, ele disse que fez o que acha mais fácil e desenhou maçãs porque gosta muito.

Percebe-se analisando o instrumento que o estudante utilizou respostas curtas, algumas com insegurança, demonstrando ansiedade e dificuldade na escolha dos materiais no planejamento da atividade.

Verifica-se através da EOCA que o aprendente apresenta modalidade de aprendizagem hipoassimilativa e hiperacomodativa, demonstrando timidez, quase não fala, apresentou dificuldade em explorar os objetos que estavam sobre a mesa, dificuldade em criar, repete o que aprendeu sem questionar, sem investigar, é muito obediente, aceita tudo, demonstra submissão.

Percebe-se também que o nível cognitivo ainda está em transição do pré-operatório para o operatório concreto. O nível de escrita corresponde ao alfabético, ocorrendo alguns insucessos ortográficos, como uso de letras minúsculas, não se percebendo rejeição a leitura e escrita. Nota-se vínculo negativo com relação a aprendizagem sistemática, maior interesse na aprendizagem assistemática. Pensa muito antes de iniciar a fazer, mais por insegurança do que por planejamento. Em alguns momentos demonstra baixa autoestima dizendo que não compreende bem o que é para ser feito em algumas atividades, principalmente de Matemática. Apresenta lentidão, demorando bastante a concluir a atividade, o que pode ser uma pequena dificuldade motora. Quando questionado sobre algo, demonstra dificuldade em formular respostas.

Levantou-se assim, o primeiro sistema de hipóteses. Na dimensão afetiva percebe-se ansiedade, medo, insegurança, desatenção, retraimento e imaturidade. Na dimensão funcional apresenta lentidão na realização das atividades e elaboração mental. Na dimensão cognitiva dificuldade de planejamento, nível de pensamento precário. Após, traçou-se uma linha de investigação através da aplicação de provas projetivas de investigação de vínculo escolar e familiar, provas pedagógicas e jogos e provas operatórias de conservação, classificação e seriação.

4.4 PROVAS PROJETIVAS

As Provas Projetivas, de acordo com Visca (2010) tem como finalidade pesquisar os vínculos que o sujeito pode organizar em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo, relacionando ao grau de consciência dos distintos aspectos que constituem o vínculo de aprendizagem.

As provas Projetivas, como seu nome indica, tratam de desvendar, quais são as partes do sujeito depositadas nos objetos que aparecem como suportes da identificação e que mecanismos atuam diante de uma instrução que obriga o sujeito a representar-se situações estereotipadas e carregadas emotivamente. (Paín, p. 60, 1985)

4.4.1 Par Educativo

Na prova projetiva Par Educativo (Anexo M) foi solicitado ao estudante que fizesse o desenho de uma pessoa que ensina e uma pessoa que aprende. Ele então pegou o papel e iniciou a atividade. Algum tempo depois, disse que havia terminado. Foi pedido então que atribuísse nome e idade as pessoas do desenho, que desse um título e relatasse o que havia feito. O aprendente disse então que se tratavam de dois colegas da classe, um de 11 anos e outro de 13, e que o menino de 13, estava ensinando o de 11 anos a jogar bola. Atribuiu o título ao desenho: A Bola, explicando que gosta muito de futebol.

A partir da análise da projeção, constatou-se que o estudante demonstrou melhor vínculo com a aprendizagem sistemática. Os desenhos têm o mesmo tamanho, mostrando que o vínculo com aquele que ensina está confuso, não há discriminação. Os personagens estão lado a lado o que regula o vínculo de aprendizagem.

4.4.2 Eu e Meus Companheiros

Na prova projetiva eu e meus companheiros (Anexo O), solicitou-se que o estudante se desenhasse juntamente com seus colegas de classe. O aprendente logo iniciou o desenho a partir do que foi proposto. Apagou algumas vezes. De início fez apenas o desenho de três colegas, não se incluindo. Pediu-se então que colocasse o nome e a idade, desse um título ao seu desenho e explicasse o que estavam fazendo. Ao ser questionado porque não havia se desenhado, ele disse que tinha esquecido.

Voltou ao desenho e fez a si mesmo. Os desenhos seguem o mesmo padrão, lado a lado de braços abertos.

Verifica-se na Prova Eu e meus companheiros que o tamanho total do desenho é pequeno o que mostra vínculo negativo com a aprendizagem, eles estão lado a lado o que mostra comunicação superficial e o fato de ter esquecido de se desenhar pode sugerir que ele se sente inibido para integrar-se ao grupo. Também disse que estavam jogando bola, há ausência de algo nesse sentido.

4.4.3 Família Educativa

Já na prova projetiva Família Educativa (Anexo N) foi solicitado que o aprendente desenhasse sua família, fazendo o que cada um sabe fazer. G. R logo iniciou o desenho a partir do que foi proposto. Apagou várias vezes e demorou bastante tempo, tendo em vista que sua família é composta por vários membros. De início fez apenas o desenho de cada um, todos seguindo o mesmo padrão, de frente e com braços abertos. Pediu-se que indicasse o nome e a idade de cada um e ele o fez sem nenhuma dificuldade. Em seguida percebeu que não havia feito o que cada um sabia fazer, então pensou um pouco e começou a desenhar. Para a mãe fez uma máquina de lavar e algumas roupas explicando que lava muitas roupas, pois sua família é grande. Para o pai desenhou uma panela, explicando que cozinha muito bem. Para o irmão V. de 15 anos, desenhou um celular, dizendo ser o que ele mais sabe fazer. Para o irmão M. de 19 anos, pensou e disse não se lembrar de nada que ele faz. Para ele mesmo desenhou uma bola, dizendo que é bom de bola. Para o irmão I. de 3 anos desenhou uma televisão, explicando que isso é o que o irmãozinho mais gosta e sabe fazer. Analisando as imagens, percebemos os mesmos traços, com poucos detalhes de uma pessoa para outra. As imagens possuem mãos, mas não se tocam. Conseguem diferenciar os sexos.

Na Prova Projetiva Família Educativa, o esquema corporal empobrecido, sem detalhes, repetitivo, pode levar a hipótese de dificuldades relacionadas à construção de novos esquemas de ação, em lidar com a falta no sentido de reconhecê-la e superá-la. Percebe-se a carência de modelos significativos de identificação. Nota-se também desvalorização dos vínculos da aprendizagem.

4.4.4 Os Quatro Momentos do Dia

Na prova projetiva: Os quatro momentos do dia (Anexo P), foi solicitado que o estudante desenhasse quatro momentos do seu dia, desde a hora que acorda até a hora que vai dormir. A folha foi dividida em quatro partes, e assim que ouviu as explicações deu início a atividade. Demorou bastante tempo, apagando alguns desenhos, algumas vezes. Depois de algum tempo disse que havia concluído. Questionado sobre o que se passava em cada situação, explicou e em seguida escreveu, dando uma legenda a cada imagem e criando um título ao seu desenho.

Na Prova Os quatro Momentos do dia – A sequência temporal é desorganizada o que indica impulsividade, baixa tolerância à frustração, aprendizagem inconstante. Os desenhos mostram uma escolha automática indicando uma vida monótona e sem criatividade. As frases explicando o desenho todas escritas com letra minúscula. Em todas as imagens retratadas, o aprendente se apresenta sozinho.

4.5 PROVAS PEDAGÓGICAS

Segundo Weiss (2012) a avaliação pedagógica não se resume ao conteúdo escolar. Durante o diagnóstico, o modo como o paciente se comporta precisa ser observada de maneira global, colocando-se em foco o nível pedagógico, aliado ao funcionamento cognitivo e suas emoções.

E necessário que se pesquise o que o paciente já aprendeu, como articula os diferentes conteúdos entre si, como faz uso desses conhecimentos nas diferentes situações escolares e sociais, como os usa no processo de assimilação de novos conhecimentos. É importante definir o nível pedagógico para verificar a adequação a série que cursa (WEISS, p. 95, 2012)

4.5.1 Alfabeto, Ordem Alfabética E Ditado

O aprendente realizou atividades propostas, sendo entregue a ele uma folha e solicitando que escrevesse o alfabeto em ordem e também as palavras que estavam embaralhadas em uma ficha a parte. Em seguida foram ditadas frases e um trecho de um pequeno texto para que o estudante realizasse a escrita, sendo realizadas sem dificuldade.

Nas atividades pedagógicas solicitadas, G.R. demonstrou bom desempenho em relação a escrita, indicando estar na fase alfabética, com pequenos insucessos ortográficos.

4.5.2 Análise do Material Escolar (Anexo Q)

Segundo Weiss (2012) a análise do material escolar traz a possibilidade de compreender a metodologia utilizada em sala de aula. Permite a percepção de como o professor lida com erros cometidos pelo aluno, se a correção é proposta como construção de conhecimento e também como o aprendente cuida e organiza suas atividades e diferentes materiais.

O material escolar é organizado, apresenta boa grafia, mas escreve com lentidão, deixando várias atividades de classe incompletas, também deixa de realizar alguns trabalhos prescritos para casa. A letra possui tamanho normal, mas escreve quase sempre utilizando letras minúsculas no início de frases e nomes próprios. Possui boa noção de espacialidade.

Na análise do material escolar verifica-se boa caligrafia, com pouca circulação de conhecimento, sempre utiliza letra maiúscula e muitas atividades incompletas que mostram dificuldade na estruturação do pensamento e lentidão.

4.5.3 Leitura e Interpretação (Anexo R)

Aplicou-se então a atividade pedagógica que se tratava de um texto para leitura e algumas questões de interpretação do mesmo. O aluno fez a leitura, que é boa e em seguida começou a responder as questões. Depois de um tempo, disse que não havia compreendido uma delas, foi sugerido que lesse novamente, ele o fez e pediu ajuda. Foram feitos alguns comentários a respeito do assunto tratado no texto, e ele então, respondeu.

Na prova pedagógica demonstrou bom desempenho em relação a leitura, mas certa dificuldade na compreensão do que lê.

4.5.4 Teste de Lecto Escrita, Cópia (Anexo S)

O aprendente iniciou a atividade pedagógica realizando um teste de Lecto Escrita fundamental II, com êxito, confundiu um pouco letra e palavra e palavras parecidas que rimam, chamando-as de palavras iguais, interpretou bem o texto proposto, no entanto, sempre utilizando letra minúscula no início das frases, na cópia cometeu erros de pontuação, parágrafos, letras maiúsculas.

O estudante demonstrou bom realismo nominal, boa interpretação, dificuldade com a cópia e estruturação do pensamento, pois embora esteja na fase alfabética, comete erros recorrentes, com relação a pontuação e letras minúsculas.

4.5.5 Raciocínio Lógico Matemático (Anexo T)

Foi apresentado ao aprendente uma folha contendo questões matemáticas de raciocínio lógico e solicitado que lesse com atenção e respondesse. G. R. Procurou responder as questões, efetuando cálculos, demorou bastante nessa proposta, mas, no entanto, todas as questões ficaram erradas.

Na prova pedagógica de raciocínio lógico demonstrou dificuldade em compreender os enunciados e as questões matemáticas apresentadas, disse, inclusive no momento da atividade, que tem dificuldade em compreender o que é para ser feito. Nota-se que a maior dificuldade não está no cálculo e sim na interpretação.

4.5.6 Produção de Texto Expressão Escrita (Anexo U)

Apresentou-se ao aprendente a atividade de produção de texto. Foram realizadas a leitura e explicação do que deveria ser feito e ele prontamente realizou a produção escrita, que apresentava a proposta de continuação de uma história, o aprendente leu o texto e deu continuidade, escrevendo poucas linhas.

Percebe-se após a análise que na prova pedagógica de expressão escrita, G.R demonstrou pouca criatividade e argumentação pobre diante dos fatos apresentados.

4.6 JOGOS

Para muitos o jogo é visto somente como entretenimento e brinquedo, mas de acordo com Vigotski (2003), ele está presente nas diversas culturas, como uma característica natural do ser humano. O jogo com regras traz ao estudante a possibilidade de integração, demonstração de alegria, além de ser uma preparação para a vida.

4.6.1 Jogo Pega Varetas

Foi apresentado o jogo pega Varetas ao estudante G.R. e o mesmo disse que já havia jogado antes e que já conhecia as regras, mesmo assim as regras, algumas características e estratégias foram lembradas. O aprendente iniciou por pegar uma peça que estava difícil de remover e não começou pelas mais fáceis. Somente depois de perceber que sua adversária retirava as que não estavam encostadas em nenhuma, foi que começou a tentar fazer o mesmo, nas próximas jogadas. A coordenação motora do aprendente é boa. No momento de contar os pontos, verificou-se o valor atribuído a cada cor e ele realizou cálculos de multiplicação e adição sem dificuldades.

No jogo Pega Varetas demonstrou dificuldade no raciocínio lógico no início do jogo, depois percebeu a melhor estratégia para retirada das peças, demonstrou bom conhecimento dos números e operações diretas e boa coordenação motora.

4.6.2 Jogo da Velha

Após apresentação do material e de lembrar as regras, iniciou-se o jogo. Como é um jogo rápido, houve a oportunidade de jogar várias rodadas, e mesmo se tratando de um jogo simples, G. R. demonstrou dificuldade não em jogar, mas em ganhar.

No jogo da Velha demonstrou dificuldade no raciocínio lógico, no planejamento, estratégia e antecipação, pois mesmo depois de várias jogadas, não se preocupou em impedir que o outro vencesse.

4.6.3 Jogo Cilada: Quebra Cabeça

Após observação do material, que traz 50 possibilidades de montagens diferentes e explicação das regras, iniciamos o jogo, separando as peças. O aluno demorou bastante tempo e não conseguiu encaixar corretamente as peças, mas não desistiu, continuava sempre tentando.

No Jogo Cilada, demonstrou atenção e concentração, mas dificuldade em planejamento e raciocínio para encontrar o local correto das peças, também demonstrou ansiedade em concluir o jogo e insegurança.

4.7 PROVAS OPERATÓRIAS

Segundo Sampaio (2018), por meio da utilização das Provas Operatórias teremos meios de conhecer o andamento e desenvolvimento das funções lógicas do sujeito. “O objetivo principal das provas operatórias é descobrir e avaliar a noção-chave do desenvolvimento cognitivo, revelando o nível de pensamento alcançado pela criança, isto é, o nível de estrutura cognoscitiva com que ela opera”. (WEISS, 2012, p. 106). Rubinstein ainda afirma que,

Essas provas avaliam a noção de conservação e as operações lógicas de classificação e seriação, nos níveis concreto e formal, e encontram-se diluídas na obra de Piaget. (2014 p. 70)

4.7.1 Prova de Intersecção de Classes

O material foi devidamente apresentado e colocado sobre a mesa. O aprendente demonstrou dificuldade para descrever o material, ficando por algum tempo observando, sem dizer nada, depois disse ter esquecido o nome e depois de algum tempo disse que eram 5 quadrados vermelhos, 5 círculos vermelhos e 5 círculos azuis. Quando questionado sobre o motivo de ter colocado os 5 círculos vermelhos no meio, ele respondeu que não caberiam em outro lugar. Disse que havia mais fichas vermelhas e mais fichas redondas. Quando questionado se havia mais ou iguais fichas redondas e vermelhas, ele respondeu que havia mais vermelhas, explicando que era porque tinha 10 vermelhas. Comparando as fichas redondas e as fichas vermelhas, ele disse que um tinha mais que o outro, mais vermelhas. Quando perguntado sobre as fichas quadradas e vermelhas ele disse que havia menos vermelhas e que os quadrados eram mais. Olhando as fichas quadradas e vermelhas ele disse que eram iguais.

Na prova de intersecção de classes, o aprendente demorou a nomear os objetos e demonstrou muita insegurança nas respostas, errou na comparação entre redondas e vermelhas, que eram na verdade da mesma quantidade, não percebendo a intersecção. Também cometeu confusão ao comparar as fichas quadradas e vermelhas não percebendo a inclusão de peças. Percebe-se que se encontra no nível 2 (intermediário) acerta as perguntas suplementares, mas hesita nas perguntas de

inclusão e intersecção. Responde corretamente às perguntas de comparação de elementos da mesma classe (cor e forma).

4.7.2 Conservação de Massa

O aprendiz observou o material apresentado e disse que se tratava de duas massinhas. Foi solicitado que fizesse duas bolas de massa com a mesma quantidade. Foi questionado se as duas possuíam a mesma quantidade de massa e ele disse que sim, perguntou-se como ele sabia e ele respondeu que foram feitas utilizando a mesma quantidade. Partiu-se para a primeira modificação, fazendo uma salsicha de uma das bolas. Ao questionar se a salsicha tinha mais, menos ou a mesma quantidade de massa, ele disse que a salsicha tinha mais, explicando que ela era maior que a bola. Foi argumentado se lembrava que antes as duas bolas tinham a mesma quantidade e ele disse que não tem mais. Então foi proposto voltar a fazer uma bola com a salsicha, e questionado a mesma quantidade de massa e ele disse que uma teria mais e a outra menos. Partiu-se então para a segunda modificação, pedindo que fizesse uma bola e depois transformasse em pizza e foi questionado se a pizza tinha mais, menos ou a mesma quantidade de massa que a bola e ele respondeu que a pizza tinha menos massa, perguntou-se como sabia e ele respondeu que a pizza era menor. Quando falado que um garoto da idade dele tinha dito que tinham a mesma quantidade, ele respondeu que achava que tínhamos quantidades diferentes. Ao retornar a fazer uma bola com a pizza, o aprendiz disse que tinham a mesma quantidade. Partiu-se para a terceira modificação, voltando a fazer uma bola e dividindo em quatro bolinhas, questionando se as quatro bolinhas possuíam mais, menos ou a mesma quantidade que a bola e ele disse que possuíam mais quantidade, explicando que ao dividir ficavam com mais, procurando lembra-lo que ele havia dito que tinha a mesma quantidade quando era uma bola e ele disse que acha que não tem mais. Retornando foi dito que se voltasse a fazer uma bola, teremos a mesma quantidade, mais ou menos? Ele disse que teríamos a mesma quantidade.

Percebe-se através da prova de conservação de matéria (massa), estabelece a igualdade inicial. Responde corretamente à pergunta do retorno empírico ora conserva, ora não conserva. Condutas próprias do pensamento intuitivo articulado.

4.7.3 Dicotomia ou Mudança de Critério

Na prova Operatória de dicotomia, inicialmente foi apresentado o material e feita a proposta para que colocasse junto os que se parecessem e o aprendente então separou as fichas pela cor, de um lado fichas vermelhas e do outro, fichas azuis. Em seguida foram apresentadas duas caixas e solicitado que separasse novamente, utilizando um critério diferente do primeiro, ele então separou as fichas nas duas caixas por tamanho. Misturadas novamente as fichas na mesa, foi pedido que separasse de outra forma, diferente das duas primeiras. O aprendente separou, dessa vez por forma. Ao terminar foi questionado se conseguiria mostrar novamente como havia separado da primeira, segunda e terceira vez e o estudante conseguiu separar com êxito.

Na prova operatória de dicotomia obteve êxito, usando os três critérios: cores, tamanho e forma. Condutas próprias do pensamento operatório concreto, nível 3.

4.7.4 Conservação da Quantidade de Líquido

Na prova operatória de quantidade de líquido o aprendente observou todos os recipientes que estavam sobre a mesa, inicialmente sem o líquido, dizendo que alguns eram iguais e outros diferentes. Nesse momento dois copos foram colocados sobre a mesa e ele constatou que eram do mesmo tamanho. Coloquei então, o líquido vermelho em um dos copos e pedi que ele colocasse o líquido amarelo no outro copo, com a mesma quantidade que eu havia colocado. Perguntei então a ele que se cada um bebesse o líquido de um dos copos, se beberíamos a mesma quantidade ele disse que sim, pois tinham o mesmo tanto. Passei então o líquido amarelo para o copo alto e fino e perguntei como havia ficado a quantidade de líquido nos dois copos e ele disse que um tinha mais e o outro menos, explicando disse-me que o copo mais fino ficou com mais líquido. Lembrei-o que havia me dito que tinham a mesma quantidade quando estava no copo anterior e ele respondeu que agora não tinha mais. Retornei o líquido para o copo anterior e ele me disse que agora tinham a mesma quantidade. Partimos para a segunda modificação, colocando o líquido num copo mais baixo e mais largo e ele disse que um tinha mais que o outro. Retornando o líquido para o primeiro, reconheceu novamente a igualdade. Na terceira modificação acontece o mesmo, quando coloco o líquido em quatro copinhos menores, diz que não são iguais

Na Prova Operatória de Conservação de quantidade de líquido, percebe-se que não é conservador. Estabelece a igualdade inicial. Pode ou não responder bem à

pergunta de retorno empírico não conserva em nenhuma das modificações, nível pré-operatório intuitivo global.

4.7.5 Conservação de Pequenos Conjuntos Discretos de Elementos

Na prova Operatória de conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos, inicialmente foi apresentado o material, seguido dos questionamentos. O aprendente disse que as fichas apresentavam a mesma forma e escolheu a cor azul, disse que tínhamos a mesma quantidade, quando organizadas termo a termo, mas quando distanciadas, disse que havia mais vermelhas, porque ocupavam mais espaço. Depois quando apresentado o argumento de que antes havia dito que tinham a mesma quantidade, ele muda de opinião dizendo que possuem a mesma quantidade. Mas, diante da segunda modificação volta a afirmar que uma possui mais e a outra menos, voltando a reconhecer a igualdade quando colocadas termo a termo. Diante da terceira modificação, no primeiro momento diz que as minhas fichas, as de dentro do círculo tem menos, porque são menores, depois quando comparadas a caramelos, diz que tem a mesma quantidade.

Na prova operatória de conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos, verifica-se estar no nível 2 de transição, quando estabelece a igualdade inicial diante das modificações e contra argumentações. Responde com acerto ao retorno empírico ora conserva, ora não conserva.

4.7.6 Inclusão de Classes

Na Prova Operatória de inclusão de classes após observar o material apresentado, diz que são todas flores, citando o nome de algumas que conhece e dizendo que temos sobre a mesa, rosas e margaridas e afirmando que ambas são flores. Quando questionado se no ramo há mais margaridas ou flores, ele diz que há mais margaridas, porque há menos rosas. Quando sugerido que duas meninas farão um buquê, uma utilizando as margaridas e a outra as flores, ele responde que o buquê de margaridas será maior. Quando lhe pergunto o que ficará no ramo, se eu lhe der as margaridas, ele disse que serão as rosas e quando lhe pergunto o que ficará no ramo se eu lhe der as flores, ele respondeu que não ficará nada. Quando sugeri que eu faria um ramo com todas as margaridas e ele com todas as flores e perguntei quem

ficaria com o maior ramo, ele disse que seria eu, perguntei como ele sabia e ele respondeu que havia mais margaridas.

Na prova operatória de inclusão de classes responde acertadamente algumas perguntas, outras não. Pode responder bem às questões de subtração de classes que não requerem reversibilidade. Nível 2 intermediário, pensamento pré-operatório intuitivo articulado

4.7.7 Conservação de Volume

Foi apresentado ao estudante G.R. o seguinte material que estava sobre a mesa: dois copos iguais, duas massas de modelar de cores diferentes, duas jarras contendo líquidos de cores diferentes. Após a observação do material, pedi que fizesse duas bolas de massa com a mesma quantidade. Coloquei o líquido em um dos copos até um pouco mais da metade e pedi que colocasse a mesma quantidade de líquido no outro copo, nem mais, nem menos. Perguntei se as bolas possuíam a mesma quantidade de massa e ele disse que sim. Questionei se os copos possuíam a mesma quantidade de líquido e ele confirmou que sim. Questionei o que aconteceria com a água se eu colocasse a bola dentro do copo A, se ia subir, descer ou ficar a mesma coisa e ele disse que ficaria a mesma coisa. Perguntei o que aconteceria se eu colocasse a outra bola no copo B, e ele disse que ficaria igual. Nesse momento transformei uma das bolas em salsicha e perguntei o que aconteceria se eu colocasse a salsicha no copo B, se a água ia subir mais, menos ou ficaria igual a água do copo A e o aprendiz disse que subiria mais, perguntei como sabia e ele disse que a salsicha era grande. Então eu argumentei que a salsicha era mais fina, se não achava que subiria menos e ele inseguro, disse que poderia subir menos. Disse então, que se eu pegasse a salsicha, fizesse uma bola novamente colocasse no vaso, como ficaria a água, e ele respondeu que subiria mais que o outro. Segunda modificação, transformei uma das bolas em pizza e perguntei o que aconteceria se eu colocasse a pizza no copo B, a água subiria mais, menos ou igual ao copo da bola A, e ele afirmou que o da bola subiria mais, perguntei como sabia e ele disse que a bola tinha mais quantidade. Então eu disse que uma pessoa da idade dele me disse que teriam a mesma quantidade, se ele achava que estava certo ou errado e ele me disse que estava errado. Retornando questionei o que aconteceria se fizesse uma bola novamente no copo B, e ele disse que a água subiria. Dividi então uma das bolas em

quatro bolinhas e questionei o que aconteceria se colocasse estes pedacinhos no copo B, como subiria a água, mais, menos ou igual ao copo A? e ele respondeu que subiria mais que o outro, porque seriam mais bolinhas. Lembrei que no início tinha dito que as bolas tinham a mesma quantidade e ele se recordou que sim. Então, retornando disse que se fizesse uma bola novamente e colocasse no copo B, o que aconteceria e ele disse que ficariam iguais.

Na prova de conservação de volume estabelece a igualdade inicial e dá respostas não conservadoras em todas as modificações. O retorno empírico pode ou não ser respondido com acerto. Nível 1, não conservador, primeiro estágio do operatório concreto.

4.7.8 Seriação de Palitos

Houve a apresentação ao estudante G.R., do seguinte material: 10 palitos de tamanhos diferentes, um palito de inclusão, uma barreira. O aprendiz descreveu o material e disse que eram iguais, mas com tamanhos diferentes. Coloquei os palitos desarrumados sobre a mesa e pedi que colocasse em ordem do menor para o maior. Ele conseguiu colocar todos em ordem. Nesse momento pedi que fechasse os olhos e retirei um dos palitos, ao abrir os olhos perguntei se sabia de onde eu havia retirado e ele conseguiu acertar. Depois coloquei uma barreira entre nós e embaralhei os palitos e pedi que me entregasse em ordem sem medi-los. O aprendiz foi me entregando os palitos, mas cometeu alguns erros.

Na prova de seriação de palitos, realiza a seriação medindo os palitos em algumas oportunidades, atrás do anteparo encontrou alguma dificuldade e observa-se estar no nível 3, primeiro estágio do operatório concreto.

4.7.9 Combinação de Fichas

Ao iniciar a prova foi apresentando o seguinte material que estava sobre a mesa: seis fichas de cada cor, sendo 5 cores diferentes. Pedi então que ele formasse pares com as fichas, que fizesse todos os pares que conseguisse. O aprendiz então combinou as fichas de mesma cor, duas a duas. Perguntei se não havia outras possibilidades e ele disse que não.

Na prova de combinação de fichas não consegue descobrir as possibilidades das diversas combinações. Só consegue combinar as fichas da mesma cor e não percebe outras possibilidades. O aprendente encontra-se no nível 2 (intermediário) as combinações são incompletas, não há ordem estabelecida nem consegue prever o número de combinações. Primeiro estágio do operatório concreto.

4.7.10 Predição

Na seguinte prova operatória foram apresentadas fichas que eram as seguintes: dezessete fichas verdes, dez fichas amarelas, seis fichas azuis, uma ficha branca e um saco de pano. Pedi que observasse as fichas por algum tempo. Depois coloque-as todas dentro do saco. Disse a ele que deveria colocar a mão dentro do saco e retirar uma ficha. Quando colocou a mão, segurei-a dentro do saco e perguntei que cor ele achava que ia tirar e por que, ele disse que seria verde, porque imaginou que seria verde, quando ele retirou e viu que era verde, ficou muito feliz, dizendo que tinha adivinhado. Repeti outras vezes e em todas agiu por adivinhação, não levando em conta que tinha cores mais prováveis de serem retiradas.

Na prova de Predição não consegue prever a probabilidade de sair a cor verde por ter maior quantidade. Acredita que foi capaz de adivinhar. Nível 1 (ausência) não consegue prever a possibilidade de sair a cor verde por ter maior quantidade. Primeiro estágio do operatório concreto.

Na dimensão afetiva as provas projetivas foram recursos importantes que, de forma simbólica através do desenho, G. R., projetou os seus sentimentos em relação a sua vinculação com o objeto de conhecimento, com a figura do ensinante, consigo mesmo e com seus pares.

Levantou-se a segunda hipótese na dimensão afetiva, que mostra, melhor vínculo com aprendizagem assistemática, pouco vínculo familiar relacionado a aprendizagem, inibição, retraimento, solidão, sequencia temporal desorganizada.

Na dimensão funcional, na área pedagógica, escrita, leitura e interpretação, raciocínio lógico matemático, produção escrita, análise do material escolar G. R. evidenciou bom desempenho na escrita, encontra-se na fase alfabética, mas apresenta dificuldade em interpretação de textos e situações problema. Levantou-se a segunda hipótese na dimensão funcional de lentidão ao realizar as atividades

que ficam incompletas em sua maioria, imaturidade, Argumentação pobre na produção escrita, dificuldade em interpretar textos e compreender situações problemas envolvendo as quatro operações.

Na dimensão cognitiva constatou-se que o adolescente opera com uma estrutura de pensamento imatura. Nas provas operatórias de conservação, na maioria, demonstrou estar em nível 2 de transição, quando estabelece a igualdade inicial diante das modificações e contra argumentações. Responde com acerto ao retorno empírico ora conserva, ora não conserva. Nas provas operatórias de classificação percebe-se que se encontra no nível 2 (intermediário), exceto na prova de dicotomia em que apresenta êxito em todas as proposições e na prova operatória de seriação encontrou alguma dificuldade e observa-se estar no nível 3, primeiro estágio do operatório concreto. O aprendiz demonstrou também dificuldades: na organização e sequência de ideias; na manutenção da atenção e concentração, e no processamento de informações, com falhas no processo de fixação, conservação, compreensão, no planejamento, antecipação e uso de estratégias diferenciadas percebidas através dos jogos.

Levantou-se a segunda hipótese na dimensão cognitiva: o aprendiz opera com uma estrutura de pensamento imatura de nível intuitivo articulado em transição ao operatório concreto, com pouco domínio das noções de classificação, conservação e seriação, o que interfere na aquisição do conhecimento e raciocínio lógico matemático.

Na dimensão cultural levanta-se a hipótese de que o aprendiz sinta falta de atenção por parte dos pais, devido ao número de filhos em diferentes idades.

Levantou-se a segunda hipótese na dimensão cultural: carência afetiva em relação aos pais, principalmente a mãe.

4.8 ANAMNASE (ANEXO V)

De acordo com Weiss (2012) a entrevista de anamnese deve ser vista como fundamental para um diagnóstico com melhor precisão. É ela que possibilita a conexão de informações do passado, presente e futuro do sujeito, permitindo verificar a história de vida, seus preconceitos, normas, presença de afeto e harmonia, bem como expectativas familiares depositados sobre o paciente.

A anamnese é umas das peças fundamentais deste quebra-cabeça que é o diagnóstico, pois, por meio dela, nos serão reveladas informações do passado e do presente do sujeito juntamente com as variáveis existentes em seu meio, observaremos a visão da família sobre a história da criança, as suas expectativas desde o nascimento, a afetividade que circula neste ambiente familiar, as críticas, os preconceitos e tudo aquilo que é depositado sobre o sujeito. (SAMPAIO, p. 143, 2018)

O pai compareceu à entrevista pelo fato de ter mais maleabilidade nos horários e diz que para a mãe é mais difícil comparecer à escola devido ao seu trabalho e cuidados com filho de três anos. Segundo o pai a gravidez e o parto ocorreram dentro da normalidade, mas a criança precisou de oxigênio por pouco tempo porque nasceu muito pálido e que logo tudo estava bem, desenvolvimento normal ao andar e falar; convivência tranquila no núcleo familiar; criança falante e confiante. O pai relata ainda que após começo da experiência escolar, houve uma transformação nas atitudes do filho que passaram a apresentar retraimento, insegurança e imaturidade. Foi um ano horrível, nas palavras do pai e atribui responsabilidade as professoras. Foi reprovado por 02 anos, o que piorou a interação, desenvolvimento e autoestima do filho; passou a apresentar insegurança sempre indagando o que deve ser feito e como. Atualmente, adolescente, tem dificuldade na interação com seus pares, se interage melhor com crianças menores e percebe que sua idade cronológica parece estar atrasada da idade psicológica, diz o pai, que procura ajudá-lo nas tarefas escolares e percebe que sua maior dificuldade é em matemática.

Confirma-se pela fala do pai, o obstáculo de caráter afetivo, notando-se retraimento, insegurança e imaturidade, o que pode ter sido acentuado pelos casos de reprovação nos anos iniciais.

Percebe-se também a defasagem entre a idade cronológica e psicológica apresentados pelo aprendiz e relatados pelo pai, através, inclusive das relações que estabelece sempre com crianças menores.

O horário de trabalho da mãe e o grande tempo fora de casa, também pode se apresentar como um fator de insegurança do filho.

Confirma-se também o obstáculo epistêmico de caráter cognitivo pela dificuldade na compreensão do que deve ser feito e como.

Através da entrevista de Anamnese foi possível levantar o terceiro sistema de hipóteses que revelou, finalmente, a hipótese diagnóstica.

De acordo com os dados coletados durante a avaliação diagnóstica concluiu-se que as dificuldades apresentadas pelo adolescente podem ser decorrentes de obstáculos de caráter afetivo relacionadas a traumas no início da vida escolar, obstáculos de caráter funcional relacionados a questões orgânicas que geraram lentidão no desenvolvimento das atividades. Nas questões orgânicas constatou-se dificuldades, possivelmente decorrentes da falta de oxigênio no nascimento. Também se percebe obstáculo de caráter cognitivo, revelando estrutura de pensamento imatura, com lentificação do desenvolvimento cognitivo.

5 INFORME PSICOPEDAGÓGICO

IDENTIFICAÇÃO

Nome: G. R.

Idade: 14 anos e 03 meses

D.N.: 02/07/2005

Filiação: A. A. R. e P. A.

Escola: C. E. Z. B.

Série: 6º ano

PERÍODO DA AVALIAÇÃO

A avaliação ocorreu no período de 10 de junho a 03 de setembro de 2019, em 12 sessões, sendo 07 sessões com a criança, 03 sessões com os pais (Entrevista inicial, Anamnese e Devolutiva) e 02 sessões na escola (Entrevista com a professora e Devolutiva).

MOTIVO DA PROCURA:

QUEIXA DOS PAIS: Os pais relataram que o filho possui déficit de atenção, dificuldade para compreender o que lê, realizar cálculos, memorizar e fazer tarefas que exigem maior esforço sem ajuda e apresenta-se retraído e inseguro.

QUEIXA DA ESCOLA: A escola relatou que o estudante tem dificuldade em acompanhar a turma, apresenta lentidão na realização das atividades, para o aprendizado da matemática, para memorizar e prestar atenção e, ainda, demonstra ansiedade e insegurança.

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Entrevista com os pais; Entrevista com a professora; Entrevista com o adolescente; Observação do aprendente na escola, análise do Material Escolar, Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), Provas Operatórias, Provas Projetivas, Provas Pedagógicas.

ATITUDE EM ATIVIDADE: o aprendente realizou todas as atividades propostas, porém mostrou baixo nível de envolvimento afetivo com as atividades sistematizadas. Apresentou condutas de ansiedade e falou pouco.

DADOS DA ANAMNESE:

O pai compareceu à entrevista pelo fato de ter mais maleabilidade nos horários e diz que para a mãe é mais difícil comparecer à escola devido ao seu trabalho e cuidados com filho de três anos. Segundo o pai a gravidez e o parto ocorreram dentro da normalidade, mas a criança precisou de oxigênio por pouco tempo porque nasceu muito pálido e que logo tudo estava bem, desenvolvimento normal ao andar e falar; convivência tranquila no núcleo familiar; criança falante e confiante. O pai relata ainda que após começo da experiência escolar, houve uma transformação nas atitudes do filho que passaram a apresentar retraimento, insegurança e imaturidade. Foi um ano horrível, nas palavras do pai e atribui responsabilidade as professoras. Foi reprovado por 02 anos, o que piorou a interação, desenvolvimento e autoestima do filho; passou a apresentar insegurança sempre indagando o que deve ser feito e como. Atualmente, adolescente, tem dificuldade na interação com seus pares, se interage melhor com crianças menores e percebe que sua idade cronológica parece estar atrasada da idade psicológica, diz o pai, que procura ajudá-lo nas tarefas escolares e percebe que sua maior dificuldade é em matemática.

SÍNTESE DA AVALIAÇÃO:

DIMENSÃO SOCIOAFETIVA: O aprendente demonstrou melhor vínculo com aprendizagem assistemática, pouco vínculo familiar relacionado a aprendizagem, inibição, introspecção, solidão, sequência temporal desorganizada, insegurança e imaturidade, apresentando obstáculo epistemofílico de caráter afetivo

DIMENSÃO FUNCIONAL: (corporal, orgânica e pedagógica)

ÁREA CORPORAL: O aprendente apresenta boa noção do esquema corpora; discriminação e memória auditiva e visual; lateralidade; apreensão dos conceitos esquerda/direita; postura adequada para escrever; pressão e preensão corretas do lápis; boa coordenação motora fina, mas apresentando lentidão no traçado das letras.

ÁREA ORGÂNICA: Falta de oxigênio ao nascer.

VERBALIZAÇÃO: Percebeu-se boa consciência fonológica, mas apresentou inibição e insegurança ao falar e expressar suas ideias.

LINGUAGEM ORAL: Realiza leitura com boa expressividade e ritmo. Consegue compreender o que lê e interpreta de forma restrita, tendo dificuldade com as informações implícitas no texto. Nem sempre compreende as instruções, sendo necessário explicar várias vezes e com maior clareza.

LINGUAGEM ESCRITA: encontra-se em nível alfabético. Possui boa caligrafia, o traçado da letra é regular, mas apresenta lentidão ao fazê-lo. Comete erros recorrentes, com relação à pontuação e letras minúsculas, mesmo se tratando de cópia. Apresenta pouca habilidade na produção textual, com deficiência na sequência de argumentos, criatividade e estruturação do pensamento.

MODALIDADE DA APRENDIZAGEM: O aprendente evidenciou melhor vínculo com a aprendizagem assistemática; modalidade hipoassimilativa e hiperacomodativa caracterizada por pobreza de contato com o objeto de conhecimento, insegurança, submissão, esquema de objeto empobrecido, déficit criativo.

CONHECIMENTO E RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO: Compreende bem a ideia de número, apresentou dificuldade na aquisição do conhecimento lógico matemático. Realiza atividades envolvendo as quatro operações, mas apresenta dificuldade em compreender situações problema, necessitando de apoio para compreensão das situações apresentadas.

DIMENSÃO COGNITIVA: As Provas Operatórias mostraram que no momento, o aprendente opera com uma estrutura de pensamento imatura de nível operatório concreto em transição ao pensamento formal, com pouco domínio das noções de classificação, conservação e seriação, o que interfere na aquisição do conhecimento e raciocínio lógico matemático. Demonstrou dificuldades: na organização e sequência de ideias; na manutenção da atenção e concentração

DIMENSÃO SÓCIO CULTURAL: A família se mostra envolvida e preocupada com o desenvolvimento do adolescente, embora os pais tenham uma rotina de trabalho

atenuante e outros três filhos, o que dificulta a atenção dedicada. O pai relata mudança de comportamento e aumento da inibição e insegurança do filho ao ingressar na vida escolar, atribuindo isso ao despreparo dos professores das séries iniciais e ao histórico de reprovações enfrentadas pelo aprendente. Percebe-se pouca motivação e atividades relacionadas ao estímulo do aprendente para a aquisição do conhecimento.

HIPÓTESE DIAGNÓSTICA:

O aprendente mostrou-se um adolescente dócil, educado e responsável.

O adolescente encontra-se acomodado, sem autonomia e com baixa energia em relação ao conhecimento escolar, com prejuízo desde o início da vida escolar.

A imaturidade de sua forma de pensar, detectada na aplicação das provas operatórias está relacionada ao obstáculo epistêmico de caráter cognitivo e impedindo a compreensão de alguns conteúdos da série que cursa que requerem um pensamento formal, mais elaborado e o adolescente ainda opera com uma estrutura de pensamento operatório concreto, com dificuldade nas habilidades de organização e planejamento e, nos seus processos perceptivos de memória e atenção, condições básicas para o funcionamento dos processos cognitivos interferindo na aprendizagem. No momento, o adolescente apresenta dificuldade para o aprendizado através de abstrações. Possivelmente estas dificuldades decorrem do obstáculo epistemofílico de caráter afetivo e do Obstáculo epistêmico de caráter cognitivo com lentificação do desenvolvimento cognitivo.

SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS:

Ao Adolescente:

- Acompanhamento psicopedagógico, com oferecimento de atividades que contribuam para o desenvolvimento das suas habilidades cognitivas (pensar, simbolizar, perceber, criar, analisar, etc) e atividades que contemplem os aspectos emocionais e afetivos, favorecendo o contato com o objeto de conhecimento e alimentando o desejo que leva à aprendizagem
- Avaliação Neuropsicológica (investigar funções executivas).

À ESCOLA:

- Avaliação e estratégias pedagógicas diferenciadas, para que o aprendente tenha melhores condições de acesso ao conhecimento.
- Utilizar recursos audiovisuais, gráficos e esquemas para facilitar o processo de aprendizagem
- Estimular e motivar a participação do aprendente de forma ativa nas aulas e desenvolvimento de atividades, buscando melhoria na aprendizagem e envolvimento.
- Proximidade dos professores em relação ao aprendente, melhorando a parceria e busca pela pessoa do ensinante.

À FAMÍLIA:

Orientação quanto à importância de oferecer atenção e acompanhamento na vida escolar e emocional do filho, mesmo com as dificuldades decorrentes do trabalho e do cuidado aos outros filhos.

Professor de reforço para que o aprendente adquira melhores condições de acompanhar os conteúdos destinados à série em que estuda

Sem mais para o momento, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos necessários.

Anapolis, ___/___/___

Estagiário (a):

Orientador (a):

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo ensino aprendizagem é uma trajetória complexa e dinâmica, envolvendo para tal, diversos autores. A elaboração do presente trabalho possibilitou a análise das possíveis causas que podem levar um indivíduo a não aprendizagem, se tratando de modo especial, nesse estudo de caso de um adolescente de uma escola pública da rede estadual de Anápolis, que apresenta, segundo a queixa dos pais e da escola, dificuldades em acompanhar a turma, principalmente em Matemática, lentidão na realização das atividades, para memorizar e prestar atenção e, ainda, demonstra ansiedade e insegurança.

A realização do trabalho contou com um estudo de caso onde foram realizadas entrevistas, várias sessões com o aprendente, observação da rotina escolar dentro e fora da sala de aula.

A pesquisa e realização da fundamentação teórica trouxeram embasamento sobre diversas questões envolvendo a Psicopedagogia clínica e atuação do psicopedagogo, permitindo uma visão mais ampla da questão da aprendizagem e dos possíveis obstáculos relacionados a não aprendizagem. Foi possível compreender que o ato de aprender, exige uma análise para além dos limites da cognição, imergindo para o afetivo/emocional, interagindo com o social e se desenvolvendo através do cultural, tornando-se cada vez mais um grande desafio, dada a diversidade e a singularidade de cada ser.

As dificuldades de aprendizagem encontradas no aprendente em questão estão relacionadas a um obstáculo funcional de caráter orgânico, podendo ter sido causado pela falta de oxigênio ao nascer (SIC); que contribui com imaturidade e lentidão no desenvolvimento do seu processo de aprendizagem, que gerou consequências nas atitudes do adolescente, relacionadas ao obstáculo epistemofílico de caráter afetivo, deixando-o acomodado, sem autonomia e com baixa energia em relação ao conhecimento escolar, tendo em vista que o pai relata desenvolvimento normal e prejuízo no início da vida escolar.

A imaturidade de sua forma de pensar, detectada na aplicação das provas operatórias está relacionada ao obstáculo epistêmico de caráter cognitivo e impedindo a compreensão de alguns conteúdos da série que cursa que requerem um pensamento formal, mais elaborado e o adolescente ainda opera com uma estrutura de pensamento operatório concreto, com dificuldade nas habilidades de organização

e planejamento e, nos seus processos perceptivos de memória e atenção, condições básicas para o funcionamento dos processos cognitivos e que interferem na aprendizagem.

A partir da análise dos resultados da Avaliação Diagnóstica com o aluno pode-se constatar que parte da queixa relatada pela escola encontra fundamento no obstáculo epistêmico de caráter cognitivo relacionado a imaturidade de sua estrutura de pensamento, que é a principal dificuldade e também pelo obstáculo epistemofílico de caráter afetivo, em nível secundário. A imaturidade Cognitiva detectada impede a compreensão de conteúdos mais abstratos e o alcance de uma aprendizagem significativa.

Conclui-se neste estudo, a necessidade de utilização de recursos e técnicas apropriadas ao nível de compreensão do adolescente, por parte da escola; acompanhamento da vida escolar do filho, por parte da família e acompanhamento psicopedagógico para tratar as questões cognitivas e afetivas do adolescente.

REFERÊNCIAS

ABBphttps://www.abpp.com.br/documentos_referencias_diretrizes_formacao.html
(acesso em 31 de outubro de 2019)

ALVAREZ, Rosamarina. Contribuições para o diagnóstico na clínica psicopedagógica. **Avaliação Psicopedagógica do Adolescente**/ Vera Barros de Oliveira, Nadia Bossa (orgs) 10 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ANDRADE, M. S. **Rumos e diretrizes dos cursos de Psicopedagogia**: análise Crítica do surgimento da Psicopedagogia na América Latina. Cadernos de Psicopedagogia, v.3, n. 6, 70-71, 2004.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ARAGÃO, Raimundo Freitas; SILVA, Nubélia Moreira da. **A Observação como Prática Pedagógica no Ensino de Geografia**. Fortaleza: Geosaberes, 2012.

ARANTES, Valéria Amorim. **A afetividade e cognição rompendo a dicotomia na educação**. Disponível em <http://afetividadeeducacao.blogspot.com/2014/08/sugestao-de-leitura.html>. Acesso em outubro de 2019

BORUCHOVITCH EVELY. Dificuldades de Aprendizagem, problemas motivacionais e estratégias de aprendizagem. SISTO, Firmino Fernandes. Boruchovitch, Evely. Fini, Lucila Diehl Tolaine. (organizadoras). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil, contribuições a partir da prática**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2011.

BOSSE, Vera R. P. **O material disparador considerações preliminares de uma experiência clínica psicopedagógica**. In: Psicopedagogia, Rev 14 (33), São Paulo, 1995

DONADUZZI, Anelise. **Teoria da psicopedagogia clínica**/ Anelise Donaduzzi: Uniasselvi, 2016. Disponível em <https://www.passeidireto.com/arquivo/65786422/teoria-e-pratica-da-psicopedagogia-clinica>. Acessado em 01/11/2019

FERNÁNDEZ, Alicia. **Abordagem psicopedagógica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada; abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento** / Alicia Fernández; trad. Neusa KernHickel. Porto Alegre: Artmed, 2001

FONTES, M. A. **Psicopedagogia e sociedade: história, concepções e contribuições**. São Paulo: Vetor, 2006.

GOLBERT, Clarissa S. **Considerações sobre as atividades profissionais em psicopedagogia na região de Porto Alegre**. In Boletim da Associação brasileira de psicopedagogia, ano 4, nº 8, agosto de 1985.

GRASSI, TÂNIA MARA. **Psicopedagogia: um olhar uma escuta**. Curitiba: Ibpex, 2010.

MARTINELLI, Selma de Cassia. Aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. SISTO, Firmino Fernandes. Boruchovitch, Evely. Fini, Lucila Diehl Tolaine. (organizadoras). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

MASINI, E. F. S. et al. **Psicopedagogia na escola: buscando condições para a aprendizagem significativa**. São Paulo: Unimarco, 1993.

NEVES, Maria A. C. M. **Psicopedagogia: um só termo e muitas significações**. In Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia, ano 10, nº 21, dezembro de 1991.

NOGUEIRA, Makelinyoliveira Gomes. **Dificuldades de Aprendizagem um olhar Psicopedagógico** / Daniela Leal Curitiba: Editora Ibpex, 2001.

NOGUEIRA, Makelinyoliveira Gomes. **Psicopedagogia clínica: caminhos teóricos e práticos** (livro eletrônico)/Makeliny Oliveira Gomes Nogueira, Daniela Leal. Curitiba: interSaberes, 2013.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985

PEREIRA, Débora Silva de Castro ; **O ato de aprender e o sujeito que aprende; Constr. psicopedag.** v.18 n.16 São Paulo jun. 2010; Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000100010, acesso em 03 de novembro de 2019

PIAGET, J. **Problema de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda, 1990, p.12.

RUBINSTEIN, E.R. **psicopedagogia: fundamentos para a construção de um estilo**. São Paulo: casa do psicólogo, 2014.

SAMPAIO, Simaia. **Manual prático do diagnóstico clínico**/ Simaia Sampaio.7, ed.- Rio de Janeiro: WakEd., 2018

SÁNCHEZ, Jesús-Nicasio Garcia. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica**/ Jesús-Nicasio Garcia Sánchez; trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SILVA, Maria Cecília Almeida e. **Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica**/ Maria cecília Almeida e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

BORUCHOVITCH EVELY. Dificuldades de Aprendizagem, problemas motivacionais e estratégias de aprendizagem. SISTO, Firmino Fernandes. Boruchovitch, Evely. Fini, Lucila Diehl Tolaine. (organizadoras). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

VINOCUR, Sandra. Contribuições para o Diagnóstico Psicopedagógico na Escola. In: **Avaliação Psicopedagógica do adolescente** / Vera Barros de oliveira, Nádia Aparecida Bossa (organizadoras). 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L.S.A. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento**. Lisboa: Portugália Editora, s/d, 1978

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: D.P & A. 1997.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Técnicas proyetivas psicopedagógicas**. Buenos Aires, Ag. Serv.G., 1995. WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**/ Maria Lúcia Lemme Weiss. 12 Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**/ Maria Lúcia Lemme Weiss. 14 ed.rev. eampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012

ANEXOS**Anexo A Declaração****FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS****PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E****INSTITUCIONAL****DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins que

É aluno (a) do curso de pós-graduação psicopedagogia clínica e institucional da Faculdade Católica de Anápolis e atendendo ao que dispõe a lei 9.394/96 (LDB) o mesmo (a) estará realizando estágio supervisionado, totalizando carga horária de 100 horas.

Anápolis, ___ de _____ de 20__

Anexo B – Encaminhamento de Estágio



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
E INSTITUCIONAL

Estágio Supervisionado Em Psicopedagogia Clínica

ENCAMINHAMENTO

Estamos encaminhando o (a)
 aluno(a).....

.....

Nascido (a) em ___/___/___, regularmente matriculado na ___ série estando em processo de avaliação psicopedagógica e necessita de: _____

Hipótese Diagnóstica:

Observações:

Anápolis, ___ de _____ 20__ .

 Psicopedagoga-Supervisora de Aluno (a) Estagiário (a)
 Estágio Clínico Psicopedagogia
 Pós-Graduação Psicopedagogia Institucional e Clínico

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
E INSTITUCIONAL**

PROF^a ESP. VÂNIA SANTOS DO CARMO

Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

Profissional:

Estagiário (a): _____

Eu, _____ aceito participar do Processo de Atendimento Psicopedagógico, cujo objetivo central é o de atender o participante oferecendo acompanhamento psicopedagógico e intervenção psicopedagógicas.

Estou ciente de que terei atendimento psicopedagógico durante as sessões, submetendo-me a atividade de testes, entrevistas, e observações por parte do estagiário de psicopedagogia.

Reconheço que tenho o direito de fazer perguntas que julgar necessárias.

Entendo que minha participação é voluntária e que poderei me retirar do processo a qualquer momento.

Os profissionais se comprometem a manter em confidencia toda e qualquer informação que possa me identificar individualmente quando da apresentação de resultados deste trabalho as pessoas interessadas.

Anápolis, _____ de _____ de 20 _____ .

Assinatura do Participante

Assinatura do Profissional Responsável

Assinatura do Aluno Responsável

Anexo D – Controle de Frequência

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

Anápolis GO



Estágio de aperfeiçoamento profissional PSICOPEDAGOGIA
Controle da frequência do aluno nas atividades de campo

1. Identificação do estágio

Estágio psicopedagogia Clínica	
---------------------------------------	--

Campo de estágio

Nome do professor-supervisor

Nome do profissional de campo

Nome do (a) estagiário (a)

2. FREQUÊNCIA NAS ATIVIDADES DE CAMPO

Data	Carga-horária	Atividade desenvolvida	Assinatura

A assinatura da frequência de atividade de campo seguirá o seguinte procedimento:

Estágios em instituições conveniadas: O Gestor da instituição, responsável pelas atividades de campo do aluno, assinará a frequência das atividades.

Anexo E – Termo de Compromisso do Estagiário



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

TERMO DE COMPROMISSO DO (A) ESTAGIÁRIO (A)

Eu, _____

Aluno (a) de pós - graduação em psicopedagogia clínica e institucional da Faculdade Católica de Anápolis Turma--- Anápolis-Goiás assumo compromisso da realização em estágio supervisionado junto a católica de Anápolis ao cumprimento que dispõe a Lei 9.394/96 (LDB) totalizando a carga horária de 100 horas, no período de _____, _____ de 20____ a _____ do mês de _____ de 2018 (descontando-se o período de férias julho). Ciente de tratar-se de prática curricular obrigatória como garantia à certificação, e que o não cumprimento do mencionado estágio no prazo estabelecido implicará em minha reprovação.

Anápolis, _____, de _____ 20 _____

Assinatura: _____

C.P.F: _____

R.G: _____

Anexo F – Roteiro de Observação de Campo

Observação de campo

Observação na instituição Roteiro

1ª ETAPA ENTREVISTA

1- IDENTIFICAÇÃO

Nome da instituição: _____

Endereço: _____

Pessoa responsável: _____

Cargo que ocupa: _____

2- OBJETIVOS DA INSTITUIÇÃO:

3- HORÁRIOS DE ATENDIMENTO:

Período matutino: das _____ às _____

Período vespertino: das _____ às _____

Período noturno: das _____ às _____

4- UNIVERSO ESTUDANTIL:

Quantidade de alunos:

Período matutino: (_____) Faixa etária: _____

Período vespertino: (_____) Faixa etária: _____

Período noturno: (_____) Faixa etária: _____

Total: _____ alunos

Sexo: _____

(Predominância) _____

Nível sócio-econômico-cultural:

Regime de atendimento (por turnos/ internato/ semi-internato). Etc.

5- ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA

INSTITUIÇÃO: _____

Hierarquia administrativa: _____

Hierarquia do pessoal técnico: _____

2ª ETAPA: ESTRUTURA FÍSICA

Tipos de dependências: _____

Salas de aulas: _____

Número e tamanho: _____

Estado de conservação/ limpeza/ ventilação e iluminação: _____

Pátio de recreação/ brinquedos: _____

Banheiros: _____

Sala de aula do aprendiz em estudo: _____

3ª ETAPA: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Os alunos: _____

Os professores e equipe: _____

Os pais: _____

A comunidade: _____

Os alunos com problemas de aprendizagem: _____

OUTRAS INFORMAÇÕES COLETADAS; _____

Assinaturas:

Diretoria ou Responsável:

Estagiário (a):

Anexo G – Esquema Sequencial Diagnóstico Espistemologia Converente

ESQUEMA SEQUENCIAL DIAGNÓSTICO EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE

APRENDENTE: DN: IDADE: SÉRIE:

HIPÓTESES DIMENSÃO	LINHA DE INVESTIGAÇÃO: EOCA Dimensão a-histórica	1º SISTEMA DE HIPÓTESES - Sintomas -	LINHA DE INVESTIGAÇÃO: Testes, Provas, Entrevistas..	2º SISTEMA DE HIPÓTESES	LINHA DE INVESTIGAÇÃO ANAMNESE Dimensão histórica	3º SISTEMA DE HIPÓTESES	HIPÓTESE DIAGNÓSTICA
AFETIVA							
FUNCIONAL							
COGNITIVA							

Anexo H – Entrevista com a Professora

ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Aluno(a): _____ Data: ___/___/___

Escola: _____ Série: _____

Endereço da escola: _____

Professor(a): _____

Telefone para contato: _____

O(a) aluno(a) vai bem na escola? _____

É irrequieto(a) na escola? _____

Em que circunstâncias? _____

Como reage quando contrariado(a)? _____

Precisa de ajuda para fazer alguma coisa? _____

Para fazer o quê? _____

Tem dificuldades em matemática? _____

Apresenta dificuldades em leitura e escrita? _____

Como é sua postura na carteira ao escrever? _____

Acalca muito o lápis? _____

Apresenta alguma dificuldade motora? _____

Como é o(a) aluno(a) do ponto de vista emocional? _____

Em qual destas características o(a) aluno(a) se encaixa mais?

Agressivo (); passivo (); dependente (); medroso (); retraído (); calmo ();

Agitado (); desligado (); sem limites (); outros _____

Tem alguma outra dificuldade em classe? _____

Qual? _____

Liste as facilidades apresentadas pelo(a) aluno(a)? _____

Anexo I – Entrevista Inicial**ENTREVISTA INICIAL**

Realizada com: pai () mãe () responsável () _____ Data: ____/____/____

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade na avaliação: _____

Naturalidade: _____ Estado: _____

Escola: _____ Coordenadora: _____

Série: _____ Turno: _____ Professora: _____

Mãe: _____ Idade: _____

E-mail: _____ Telefone: _____ Cel: _____

Formação: _____ Profissão: _____

Pai: _____ Idade: _____

E-mail: _____ Telefone: _____ Cel: _____

Formação: _____ Profissão: _____

Pais vivem juntos? _____

Irmãos (nome, idade, escola, série): _____

Endereço: _____

Reforço escolar: () sim () não _____

Atividades extras: () sim () não _____

Outros acompanhamentos: () sim () não _____

Quem indicou: _____

Queixa: _____

Horário do atendimento: _____

Responsável pela entrevista: _____

Anexo J – Entrevista com o Adolescente

ENTREVISTA COM O ADOLESCENTE

Nome completo: _____
 Idade: ____ Data do nascimento: ____ / ____ / ____ Escolaridade: ____
 Nome da escola: _____
 Nome da professora: _____
 Nome dos irmãos / idade / série que estudam: _____

 Endereço: _____ telefone: _____
 Profissão dos pais: _____
 Onde trabalham: _____

EM CASA:

O que mais gosta de fazer? _____
 O que menos gosta de fazer? _____
 Que horário faz tarefas? _____ Quem ajuda? _____
 Como ajuda? _____
 Recebe colegas em casa? _____
 O que a família gosta de fazer? _____
 Faz passeios em família? _____ Onde costumam ir? _____
 Como são os finais de semana em família? _____

NA ESCOLA:

Quem são seus amigos? _____
 O que mais gosta de fazer? _____
 O que menos gosta de fazer? _____
 Qual a sua matéria preferida? _____
 Qual a matéria que você menos gosta? _____
 O que é fácil fazer? (Por quê?) _____
 O que é difícil fazer? (Por quê?) _____
 Qual a sua professora preferida? _____
 Quais as suas brincadeiras preferidas? (Na escola e em casa) _____

 Gosta de ler? O que? _____
 Gosta de ouvir histórias? _____ Que tipo? _____
 Gosta de assistir TV? _____ Que programas? _____
 Tem medo de algo? _____ De que? _____
 Qual seu esporte preferido? _____
 A quem pede ajuda quando precisa? _____

Anexo K – Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem

E.O.C.A

ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM

Nome: _____

Idade _____

Escolaridade do aluno: _____

Alguma repetência? () sim () não Qual? _____

Disciplina favorita? _____

Por quê? _____

Desde quando? _____

Disciplina de que não gosta? _____

Por quê? _____

Desde quando? _____

Disciplina(s) indiferente(s) _____

Sempre foram essas? () sim () não

Por quê? _____

O que deseja fazer quando crescer? _____

Por quê? _____

Como foi sua entrada na escola atual? _____

Estudou em outras escolas? () sim () não

Como foi? _____

Você sabe por que está aqui comigo hoje? () sim () não

O que achou da ideia? _____

Você quer estar aqui ou veio porque sua mãe, o colégio ou o seu professor o obrigou? _____

Eles têm razão? () sim () não

Se pudesse e tivesse que fazer algo para um aluno que se parecesse com você em sala de aula, o que aconselharia a fazerem:

Aos pais: _____

Aos professores: _____

Você gosta de: _____

- * Gostaria que você mostrasse o que sabe fazer, o que te ensinaram e o que aprendeu...
- * Use este material, se precisar para mostrar-me o que você sabe a respeito do que sabe fazer, do que lhe ensinaram e o que aprendeu.
- * Desenhe, escreva, faça alguma coisa que lhe venha à cabeça.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Marque as questões observadas

Em relação à temática:

- fala muito durante todo o tempo da sessão
- fala pouco durante todo o tempo da sessão
- verbaliza bem as palavras
- expressa com facilidade
- apresenta dificuldades para se expressar verbalmente
- fala de suas idéias, vontades e desejos
- mostra-se retraído para se expor
- sua fala tem lógica e sequência de fatos
- parece viver num mundo de fantasias
- tem consciência do que é real e do que é imaginário
- conversa com o terapeuta sem constrangimento

Observação: _____

Em relação à dinâmica (consiste em tudo que o cliente faz)

- o tom de voz é baixo
- o tom de voz é alto
- sabe usar o tom de voz adequadamente
- gesticula muito para falar
- não consegue ficar assentado
- tem atenção e concentração
- anda o tempo todo
- muda de lugar e troca de materiais constantemente
- pensa antes de criar ou montar algo
- apresenta baixa tolerância à frustração
- diante de dificuldades desiste fácil

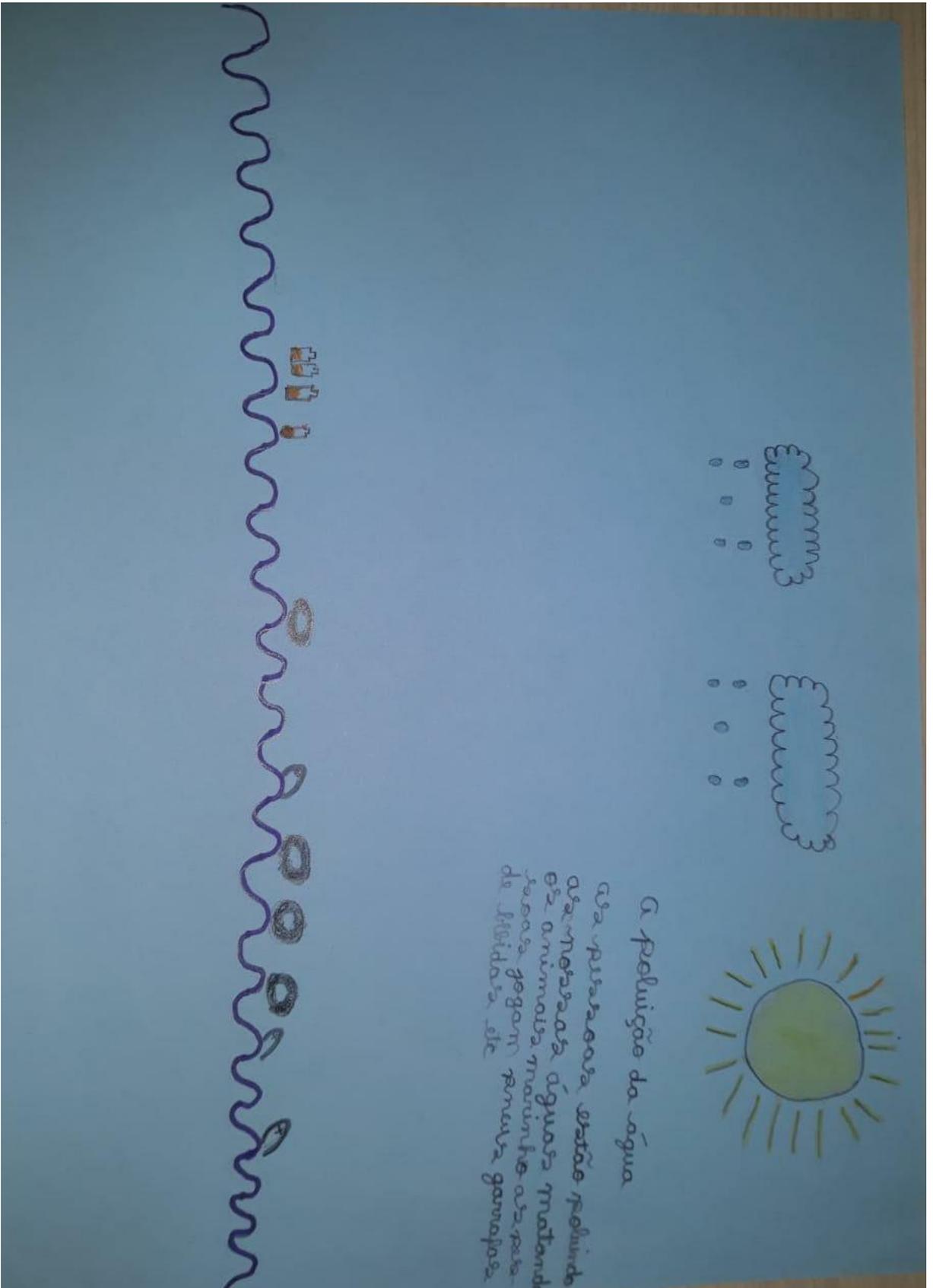
- tem persistência e paciência
- realiza as atividades com capricho
- mostra-se desorganizado e descuidado
- possui hábitos de higiene e zelo com os materiais
- sabe usar os materiais disponíveis, conhece a utilidade de cada um
- ao pegar os materiais, devolve no lugar depois de usá-los
- não guarda o material que usou
- apresenta iniciativa
- ocupa todo o espaço disponível
- possui boa postura corporal
- deixa cair objetos que pega
- faz brincadeiras simbólicas
- expressa sentimentos nas brincadeiras
- leitura adequada à escolaridade
- interpretação de texto adequada à escolaridade faz cálculos
- escrita adequada à escolar

Observação: _____

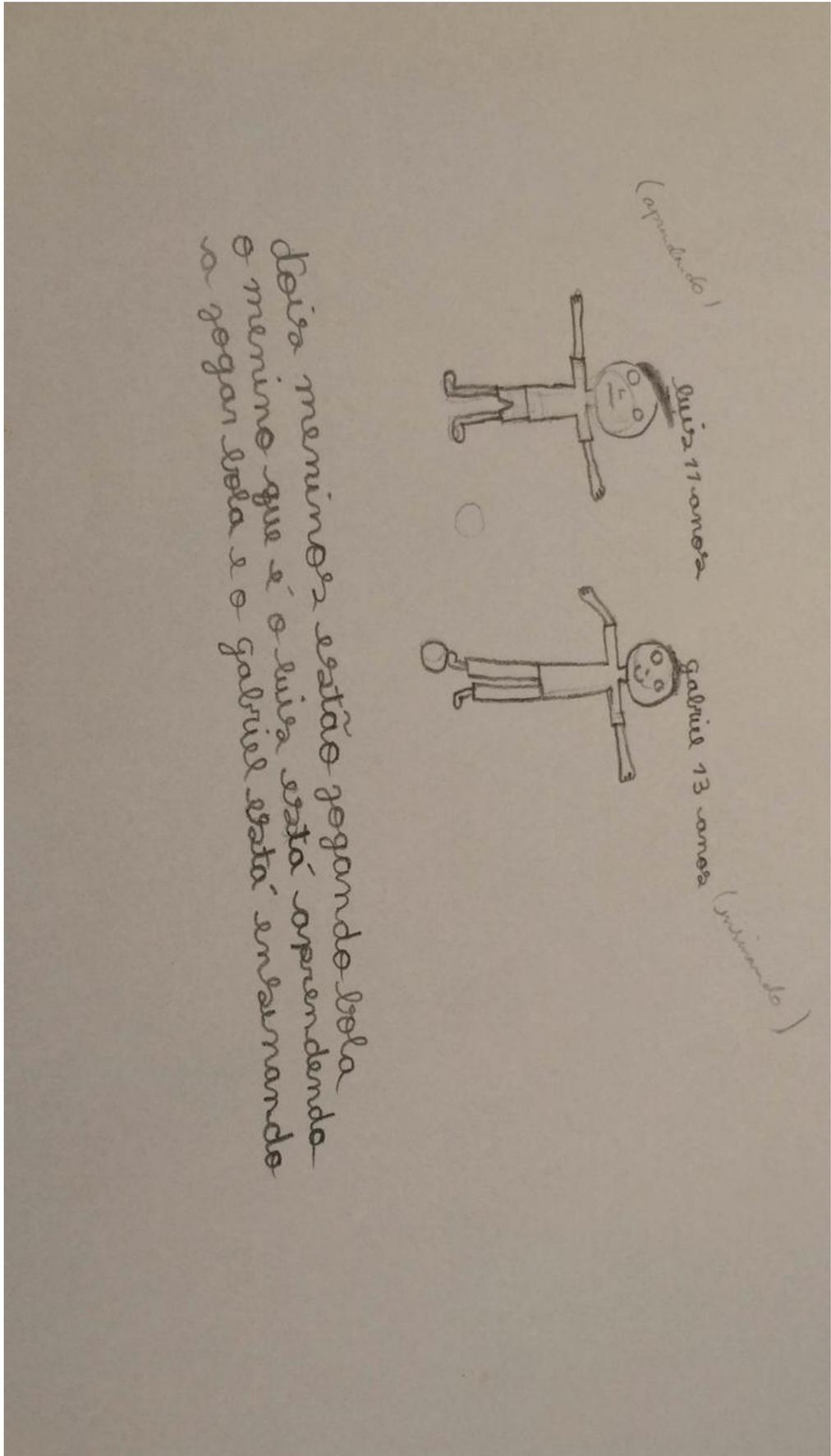
Em relação ao produto (é o que o sujeito deixa registrado no papel)

- desenha e depois escreve
- escreve primeiro e depois desenha
- apresenta os seus desenhos com forma e compreensão
- não consegue contar ou falar sobre os seus desenhos e escrita
- se nega a descrever sua produção para o terapeuta
- sente prazer ao terminar sua atividade e mostrar
- demonstra insatisfação com os seus feitos
- sente-se capaz para executar o que foi proposto
- sente-se incapaz para executar o que foi proposto
- os desenhos estão no nível da idade do entrevistado
- prefere matérias que lhe possibilite construir, montar criar
- fica preso no papel e lápis
- executa a atividade com tranquilidade
- demonstra agressividade de alguma forma em seus desenhos e suas criações ou no comportamento
- é criativo (a)

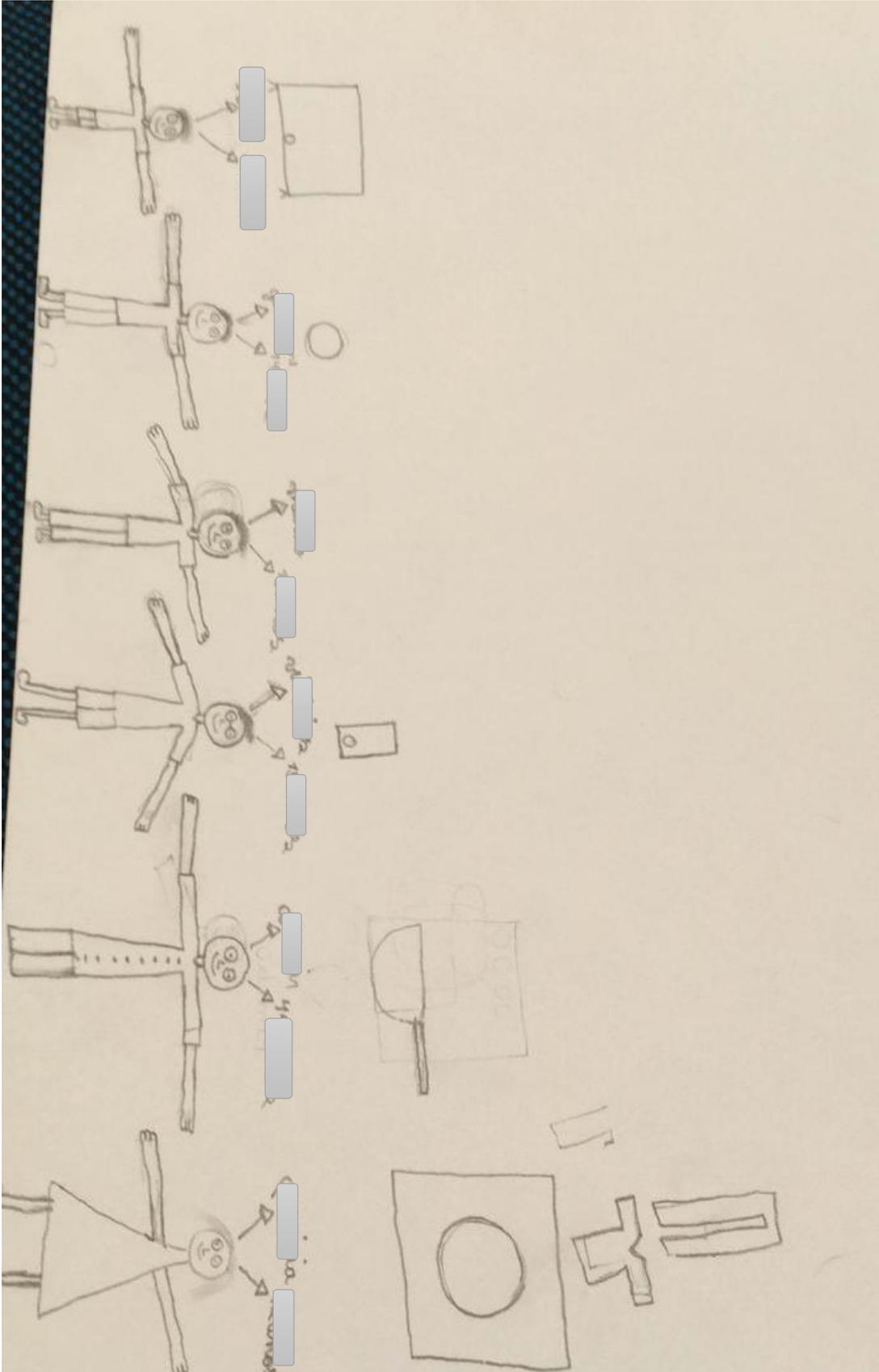
Observação: _____



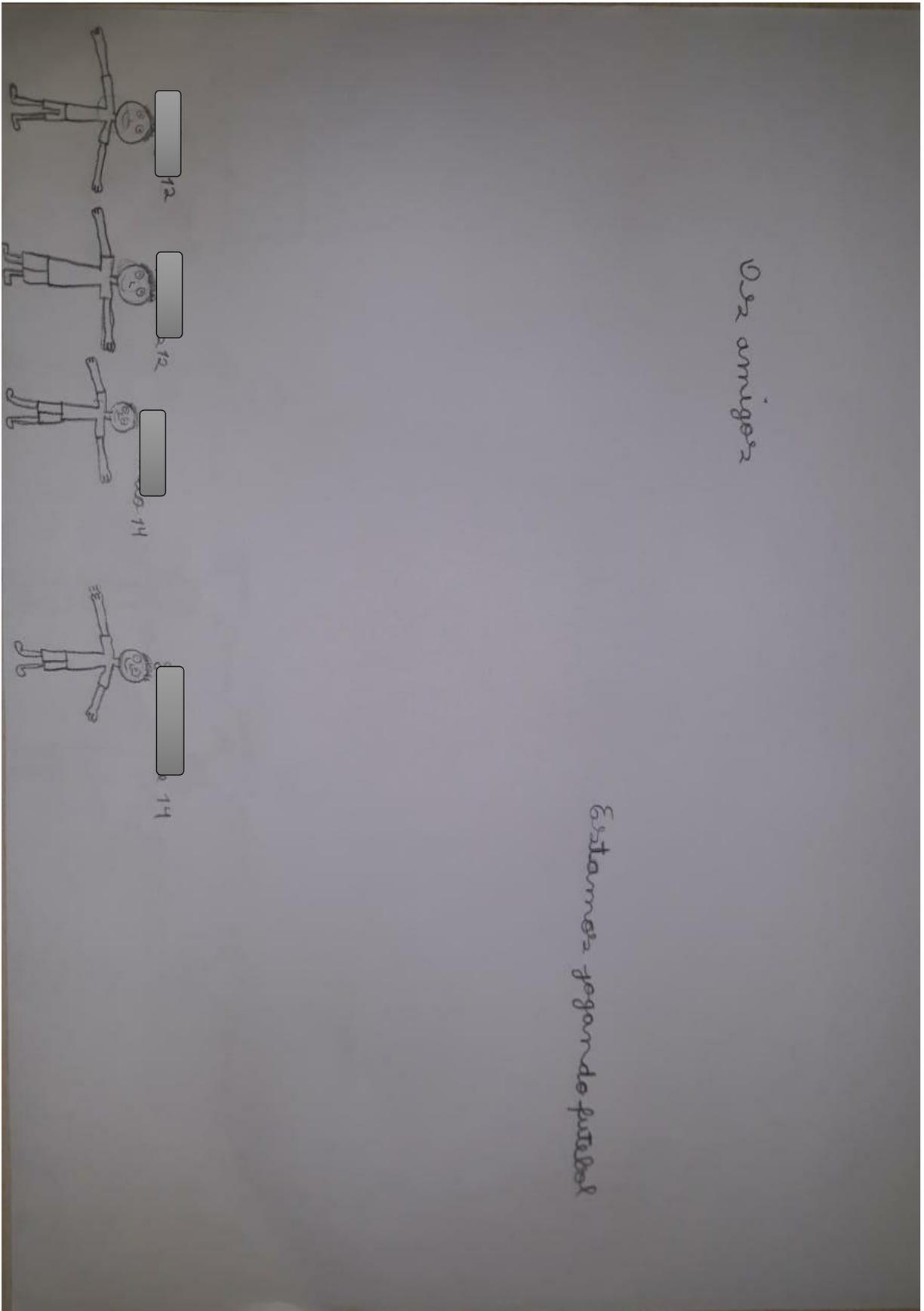
Anexo M – Par Educativo



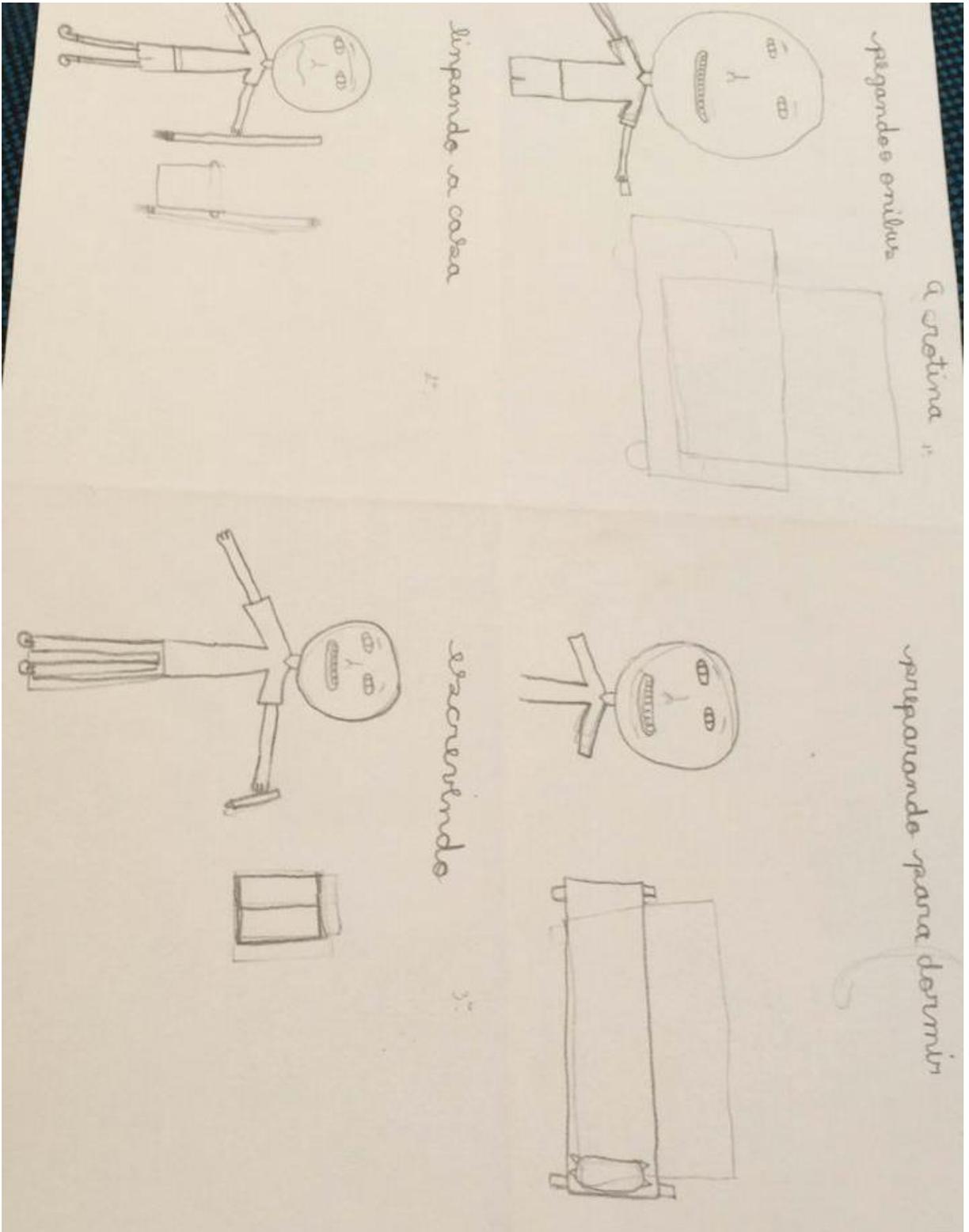
Anexo N - Família Educativa



Anexo O - Eu e Meus Companheiros



Anexo P - Os Quatro momentos do dia:



Anexo Q - ANÁLISE DO MATERIAL ESCOLAR

Nome: _____ Série: _____ Data: ____/____/____

ORGANIZAÇÃO TÊMPORO-ESPACIAL-SEQUENCIAL	Sim	Não	Às vezes	Observações
Escreve na linha				
Invade margens				
Há bom espaçamento entre as letras e palavras				
GRAFISMO				
Apresenta bom tamanho das letras				
Oscila quanto ao tamanho das letras				
Apresenta coordenação motora fina bem estruturada				
Apresenta tremores ao escrever				
Apresenta traçados gráficos com qualidade				
Apresenta escrita em espelho				
Apresenta boa pressão do tônus muscular				
Utiliza letra cursiva				
ORTOGRAFIA	Sim	Não	Às vezes	Observações
Realiza trocas, omissões, acréscimos e/ou inversões de letras				
Realiza omissões e/ou acréscimos de sílabas ou palavras				
Realiza junção e/ou separação indevidas de palavras				
Utiliza corretamente os sinais de pontuação				
Utiliza corretamente as letras maiúsculas				
ATITUDE DIANTE DAS TAREFAS ESCOLARES				
Apresenta tarefas de classe incompletas				
Apresenta tarefas de casa incompletas				
Apresenta organização e conservação do caderno				
Apresenta organização e conservação do material escolar				
Apresenta dificuldade para copiar do quadro				
Faz uso excessivo da borracha				
Percebe-se a relação de dependência nas tarefas de casa				

CONTEUDO, MÉTODO E MEDIAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A)				
As atividades estão compatíveis com a estrutura de pensamento da criança				
As atividades estão compatíveis com o nível de escrita da criança				
Há incentivos do(a) professor(a)				
Há comunicação escrita com os pais (bilhetes, recomendações)				
O método utilizado é construtivo				
RELAÇÕES VINCULARES	Sim	Não	Às vezes	Observações
A relação do sujeito com o objeto de conhecimento é positiva				
Percebe-se relação de afeto do aprendente com o ensinante				

ANÁLISE**PSICOPEDAGÓGICA:** _____

Anexo R - AVALIAÇÃO DA LEITURA

Excursão / visita a uma feira de informática

Pedro é um aluno novato na turma e na escola que frequenta. Ainda se adaptando e muito tímido, só fez amizade com Vitor.

Depois de algumas semanas de aula, surge a oportunidade de uma visita/excursão a uma feira de informática que está acontecendo na cidade. O problema surge quando Pedro vê que seu único amigo Vitor, apanha um objeto exposto e guarda consigo.

De volta à escola, parece que tudo ocorreu da melhor maneira possível. Os alunos retornam para suas casas, porém, a direção da escola recebe um telefonema da pessoa responsável pela feira dando queixa do sumiço de um objeto.

A professora é comunicada do ocorrido e o fato é discutido com outros educadores da escola. A professora, apesar de constrangida, expõe a situação à turma no dia seguinte e sugere que o aluno que está de posse do objeto o devolva e, então, nada acontecerá. Caso contrário, não aparecendo o autor do feito, o objeto deverá ser pago aos expositores da feira e o valor rateado entre todos os alunos da turma.

Vitor prefere calar-se e deixar que todos paguem pelo objeto roubado.

Na sua opinião:

Pedro, como amigo de Vitor:

- () deveria contar à professora separadamente o que viu
- () não dizer nada
- () aconselhar Vitor a pedir ajuda à família

A atitude que Pedro tomar poderá alterar a sua relação de amizade com Vitor?
Por que?

Como ficará sua relação com os companheiros de turma? Por que?

Ele conquistará novas amizades? Por que?

Anexo S - TESTE DE LECTO ESCRITA- fundamental II

PACIENTE: _____

DATA: _____

HIPÓTESE SILÁBICA

DIGA E/ou ESCREVA DUAS PALAVRAS GRANDES: _____

São grandes por que? _____

realismo nominal ()sim não ()

DIGA E/ou ESCREVA DUAS PALAVRAS PEQUENAS: _____

São pequenas por que? _____

realismo nominal ()sim não ()

QUAL PALAVRA É MAIOR: BOI OU FORMIGA? _____

POR QUÊ? _____

DIGA UMA PALAVRA PARECIDA COM BOLA: _____

POR QUÊ SE PARECE? _____

DIGA UMA PALAVRA PARECIDA COM CADEIRA: _____

POR QUÊ SE PARECE? _____

OBS: a criança que não está operatória vai dizer bexiga, por ex. caso aconteça dê exemplos como: mola, cola, etc.

CÓPIA

O CARVALHO E O CANIÇO

O carvalho, que é sólido e imponente, nunca se curva com o vento.

Vendo que o caniço se inclinava todo quando o vento passava, o carvalho lhe disse:

- Não se curve, fique firme, como eu faço.

O caniço respondeu:

- Você é forte, pode ficar firme. Eu, que sou fraco, não consigo.

Veio então um pé-de-vento. O carvalho, que resistiu ao vento, foi arrancado com raízes e tudo. Já o caniço dobrou-se todo, não opôs resistência ao vento e ficou de pé.

(Rocha)

LEITURA

A ONÇA E O GATO

A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou.

Depois, indo juntos para a fonte beber água, fizeram uma aposta para ver quem pulava mais. Chegando à fonte, encontraram lá o calango e então a onça disse para o gato:

- Compadre, vamos ver quem de um só pulo, pega o camarada calango?

- Vamos, disse o gato.

– Só você pulando adiante, disse a onça.

O gato pulou em cima do calango e a onça pulou em cima do gato.

Então o gato pulou de banda e escapou.

A onça ficou desapontada e disse:

- Assim, compadre gato, que você me ensinou. Principiou e não acabou.

O gato respondeu:

Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes.

INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

1Quais os personagens da estória?

2O que a onça pediu ao gato?

3Qual era a aposta que fizeram?

4Quem encontraram na fonte?

5Quem pulou primeiro? em cima de quem?

6O que o gato fez, quando a onça pulou em cima dele?

7Qual era a intensão da onça?

Anexo T – Avaliação de Raciocínio Lógico

Nome: _____ Data: ___/___/___

Avaliação de Matemática

1. A turma vai às compras. Preencha a tabela:

- Complete primeiro os espaços que correspondem às informações de cada item.
- Depois efetue os cálculos para preencher os outros espaços.

Nome	Produto	Unidades compradas	Preço unitário	Valor da compra	Quantia para pagamento	Troco recebido

- a) Paulo comprou 5 camisetas por R\$15,00 cada e pagou com R\$100,00. Quanto recebeu de troco?
- b) Ana comprou 3 livros iguais, pagou com R\$50,00 e recebeu R\$8,00 de troco. Quanto custou cada livro?
- c) Luciana comprou 4 CDs por R\$16,00 cada. Pagou e recebeu R\$6,00 de troco. Com que quantia ela fez o pagamento?

d) Rui comprou ingressos para o cinema. Cada ingresso custou R\$6,00. Ele pagou com R\$50,00 e recebeu R\$2,00 de troco. Quantos ingressos ele comprou?

2. Após completar a tabela do exercício anterior, responda:

a) Quem gastou mais: Paulo ou Luciana? _____
Quanto a mais? _____

b) Quanto gastará uma pessoa na compra de 1 livro e 1 CD? _____

c) Com R\$50,00 é possível comprar uma camiseta e 2 CDs? _____

d) Quanto gastará uma pessoa na compra de 2 camisetas e 3 ingressos de cinema? _____

Anexo V - ANAMNESE

Data: ____/____/____

1. Identificação:

Nome: _____
 Apelido: _____ Idade: _____ Sexo: () M () F A
 Data do nascimento: ____/____/____ Local: _____

2. Dados familiares

Nome dos pais: _____
 Religião dos pais: _____

3. Queixa ou motivo da consulta

Desde quando há o problema? _____
 Já procurou outros especialistas? _____ Quais? _____

Está fazendo algum tipo de tratamento: médico () psicológico () psiquiátrico ()
 neurológico () fonoaudiológico () outros () _____
 Por quê? _____
 Quem indicou a clínica? _____

4. Antecedentes pessoais

4.1. Gestação

Fez alguma transfusão de sangue durante a gravidez? _____
 Quando sentiu a criança mexer? _____
 Levou algum tombo? _____
 Doenças durante a gestação: _____
 Condições de saúde da mãe durante a gravidez: _____
 Condições emocionais: _____
 Houve algum episódio marcante durante a gravidez? _____

4.2. Condições de nascimento

Nasceu de quantos meses? _____
 Com quantos quilos? _____ Comprimento: _____
 Desenvolvimento do parto: _____
 Prematuro? _____ A termo? _____
 Observações: _____

4.3. Primeiras reações

Chorou logo? _____
 Ficou vermelho demais? _____ Por quanto tempo? _____
 Ficou preto? _____
 Precisou de oxigênio? _____
 Ficou icterico (amarelado, esverdeado)? _____

5. Desenvolvimento

5.1. Saúde

A criança sofreu algum acidente ou se submeteu a alguma cirurgia? _____
 Possui reações alérgicas? _____

Tem bronquite ou asma? _____
 Apresenta problemas de visão? _____ Qual? _____
 Usa óculos? _____ Quantos graus? _____
 Apresenta problemas de audição? _____
 Dor de cabeça? _____
 Já desmaiou alguma vez? _____ Quando? _____
 Como foi? _____
 Teve convulsões? _____ Quando? _____
 Há alguém da família que apresenta problemas de desmaio, convulsões,?

Observações: _____

5.2. Alimentação

A criança foi amamentada? _____ Até quando? _____
 Como é sua alimentação? _____
 É forçada a se alimentar? _____
 Come sem derrubar a comida? _____
 Recebe ajuda na alimentação? _____
 Observações: _____

5.3. Sono

A criança dorme bem? _____
 Como é seu sono (agitado, tranquilo)? _____
 Fala dormindo? _____
 É sonâmbulo? _____
 Range os dentes? _____
 Dorme em quarto separado dos pais? _____
 Com quem dorme? _____
 A criança acorda e vai para a cama dos pais? _____
 Observações: _____

5.4. Desenvolvimento psicomotor

Como era quando bebê? _____
 Em que idade: firmou a cabeça: _____ sentou sem apoio: _____
 engatinhou: _____ ficou de pé: _____ andou: _____
 Em que idade teve controle dos esfíncteres: Anal diurno: _____ Anal noturno _____
 Vesical diurno: _____ Vesical noturno: _____
 Como foi ensinado esse controle? _____
 É lenta para realizar alguma tarefa? _____
 Veste-se sozinha? _____ Toma banho sozinha? _____
 Calça-se sozinha? _____ Sabe dar nós nos sapatos? _____
 É desastrada? _____
 Anda de bicicleta? _____ Desde quando? _____
 Pratica esportes? _____ Quais? _____
 É destro ou canhoto? _____
 Foi exigido que usasse uma das mãos para escrever ou comer? _____
 Em casa quem escreve com a mão direita? _____
 E com a esquerda? _____
 Rói unhas? _____ Chupa dedos? _____
 Tem outra mania ou *tic*? Qual? _____
 Precisa de ajuda para fazer alguma coisa? _____
 Observações: _____

6. Escolaridade

A criança gosta de ir à escola? _____

Anexo X – informe Psicopedagógico**INFORME PSICOPEDAGÓGICO****IDENTIFICAÇÃO****Nome:****Idade:** **D.N.:****Filiação:****Escola: Série:****PERÍODO DA AVALIAÇÃO****MOTIVO DA PROCURA:** _____**QUEIXA DOS PAIS:** _____**QUEIXA DA ESCOLA:** _____**INSTRUMENTOS UTILIZADOS:** _____

ATITUDE EM ATIVIDADE: _____**DADOS DA ANAMNESE:** _____**SÍNTESE DA AVALIAÇÃO:** _____**DIMENSÃO SOCIOAFETIVA:** _____**DIMENSÃO FUNCIONAL:**ÁREA CORPORAL:ÁREA ORGÂNICA:VERBALIZAÇÃO: LINGUAGEM ORAL:LINGUAGEM ESCRITA:MODALIDADE DA APRENDIZAGEM:

CONHECIMENTO E RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO:

DIMENSÃO COGNITIVA: DIMENSÃO SÓCIO CULTURAL:

HIPÓTESE DIAGNÓSTICA:

SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS:

Estagiário(a):

Orientador(a):